

A IMAGEM DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR PARA OS SOTEROPOLITANOS

RELATÓRIO DE PESQUISA DE OPINIÃO

Salvador, agosto de 2009



Sumario

Salvador, agosto de 2009	1
Introdução	5
1. Pesquisa Qualitativa.....	6
1.2. A imagem do Centro Histórico de Salvador para os Soteropolitanos	7
1.2.1. O que a comunidade identifica como Centro Histórico de Salvador.....	8
1.2.2. A identidade cultural da comunidade como fator de atração para o Centro Histórico de Salvador	9
1.2.3. Fatores de rejeição.....	11
1.2.4. O CHS de ontem e de hoje.....	18
2. Pesquisa Quantitativa	21
2.1. Informações sobre a operacionalização da pesquisa	21
2.1.1. A elaboração do questionário utilizado na pesquisa	21
2.1.2. A Amostra Pesquisada	22
2.1.3. Composição e capacitação da equipe de campo	24
2.1.4. Coleta, tratamento e processamento dos dados	25
2.2. Descrição dos resultados da pesquisa	26
2.2.1. Caracterização do público amostrado	26
2.2.1.1. Adequação da amostra	26
2.2.1.2. Caracterização dos entrevistados.....	28
2.2.1.2.1. Distribuição dos entrevistados por grau de instrução	28
2.2.1.2.3. Distribuição dos entrevistados por religião	29
2.2.1.2.4. Distribuição dos entrevistados por raça (cor da pele).....	29
2.2.1.2.5. Atividades de lazer preferidas pelos entrevistados.....	30
2.2.1.2.6. Assiduidade dos entrevistados ao CHS.....	31
2.2.1.2.7. Distribuição dos entrevistados por motivos da baixa frequência ao CHS.....	32
2.2.1.2.8. Frequência dos entrevistados ao CHS, por dias e horários das visitas.....	33
2.2.1.2.9. Frequência aos principais subespaços do Centro Histórico e respectivos motivos das visitas	34
2.2.1.2.10. Conhecimento a respeito da condição atribuída ao CHS pela UNESCO e pelo IPHAN.....	36
2.2.1.2.11. Opiniões quanto à contribuição de diversas instituições para o funcionamento do Centro Histórico	36
2.2.2. Avaliação do Centro Histórico por seus freqüentadores.....	37
2.2.2.1. Satisfação com as condições gerais do acesso viário, entre os que freqüentam o CHS 38	

2.2.2.2. Satisfação com a disponibilidade de transporte público, em horários compatíveis com a programação dos eventos, entre os que freqüentam o CHS	38
2.2.2.3. Satisfação com a disponibilidade e condições dos estacionamentos, entre os que freqüentam o CHS	39
2.2.2.4. Satisfação com as condições da iluminação das ruas, praças e avenidas, entre os que freqüentam o CHS	39
2.2.2.5. Satisfação com as condições da conservação dos prédios públicos e privados existentes na área, entre os que freqüentam o CHS	40
2.2.2.6. Satisfação com as condições de conservação das ruas, praças e avenidas, entre os que freqüentam o CHS	40
2.2.2.7. Satisfação com o disciplinamento do espaço, em termos de sinalização e orientação, entre os que freqüentam o CHS	41
2.2.2.8. Satisfação com os horários de funcionamento das instituições, entre os que freqüentam o CHS	41
2.2.2.9. Satisfação com a higiene e limpeza, entre os que freqüentam o CHS	42
2.2.2.10. Satisfação com a segurança, entre os que freqüentam o CHS	42
2.2.2.11. Satisfação com a poluição visual/sonora, entre os que freqüentam o CHS	43
2.2.2.12. Satisfação com a qualidade da programação cultural, com o estilo de atrações musicais, com o estilo de espetáculos teatrais e com os tipos de exposições artísticas, entre os que freqüentam o CHS	44
2.2.2.13. Satisfação com a qualidade dos bares, restaurantes e lojas de artigos típicos, entre os que freqüentam o CHS	46
2.2.2.14. Satisfação com os preços cobrados pelos comerciantes locais, entre os que freqüentam o CHS	46
2.2.2.15. Satisfação com a administração do CHS, entre os que freqüentam o CHS	47
2.2.2.16. Resumo comparativo das avaliações efetuadas pelos freqüentadores do CHS	47
2.2.2.17. Comparações entre a situação observada no CHS e a de outros espaços turísticos de Salvador.....	49
2.2.2.18. Opinião dos freqüentadores quanto a estrutura que melhor se prestaria para administrar o CHS.....	54
2.2.2.19. Ações que contribuiriam para aumentar a freqüência de visitantes ao CHS	55
2.2.3. Características e opiniões do público que não freqüenta o CHS	56
2.2.3.1. Fontes de informações sobre o CHS	56
2.2.3.2. Comparação entre as informações recentes e aquelas veiculadas pela imprensa há 4 ou 5 anos	57

2.2.3.3. Conhecimento sobre os espaços e equipamentos do CH	57
2.2.3.4. Justificativas para a não freqüência ao CHS	58
2.2.3.5. Posição dos entrevistados em relação a visitantes.....	59
2.2.3.6. Ações que contribuiriam para que a população passasse a freqüentar CHS.....	59
3. Conclusões	61
3.1. O diagnóstico inicial.....	61
3.2. O diagnóstico oriundo da pesquisa qualitativa.....	62
3.3. A imagem do Centro Histórico de Salvador para os soteropolitanos.....	64
Anexos	68
Anexo A.....	69
Relação de participantes da pesquisa qualitativa	69
Anexo B.....	74
Instrumentos utilizados na pesquisa quantitativa.....	74
B1 - Manual de Instruções para Coleta de Dados e Preenchimento dos Formulários.....	74
1. Apresentação	75
2. Composição da equipe e distribuição de responsabilidades.....	75
3. Treinamento e pré-teste.....	76
4. Quem serão os entrevistados	76
5. O papel do entrevistador de campo	76
6. Como se relacionar com os entrevistados	77
7. A coleta de dados	78
8. Como preencher os questionários	79
9. Informações sobre o questionário.....	79
Anexo C	82
Metodologia do Critério Brasil	82

Introdução

Este documento encerra o relatório final da pesquisa de opinião denominada “A imagem do Centro Histórico de Salvador para os Soteropolitanos”.

A pesquisa foi contratada à Datamétrica Consultoria, Pesquisa e Telemarketing Ltda. pela Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO), no âmbito do Projeto 914 BRA 4009 – Centro Antigo de Salvador. A supervisão do trabalho foi realizada pelo Escritório de Referência do Centro Antigo (ER/CAS), unidade vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

O objetivo específico da pesquisa foi investigar o conhecimento, a imagem e o interesse dos residentes da capital da Bahia pelo Centro Histórico, identificando os motivos reais que fazem com que os Soteropolitanos não freqüentem ou freqüentem pouco aquele espaço. Houve também interesse em avaliar o alcance da informação negativa veiculada pela mídia e a apreensão dos moradores sobre esse espaço tradicional da cidade.

O trabalho incluiu uma pesquisa qualitativa e outra quantitativa. A pesquisa qualitativa teve o propósito de permitir o aprofundamento do conhecimento sobre os problemas que afetam o Centro Histórico para, por um lado, oferecer os subsídios necessários à elaboração do questionário a ser utilizado na pesquisa quantitativa e, por outro lado, oferecer uma base analítica para interpretação dos dados oferecidos na pesquisa quantitativa.

A pesquisa quantitativa foi realizada com o propósito de colher as informações requeridas para cumprir os objetivos do trabalho, junto a uma amostra aleatória representativa da população da cidade de Salvador.

O relatório está composto por três capítulos, com seus respectivos anexos. O primeiro capítulo versa sobre a pesquisa qualitativa, apresentando seus objetivos específicos, sua metodologia e seus resultados. O segundo trata da pesquisa quantitativa, com detalhes sobre sua operacionalização, seu desenho amostral, sua metodologia e seus resultados. O terceiro capítulo apresenta uma breve síntese dos resultados das duas pesquisas e relaciona as principais conclusões que podem ser tiradas à partir dos dados colhidos no campo.

1. Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa é um valioso instrumento técnico, utilizado para revelar a avaliação subjetiva de um grupo de indivíduos em relação a estímulos externos do mundo subjacente. Cada indivíduo, com sua sensibilidade, seus desejos, suas necessidades, sua ideologia, seu senso de justiça e sua capacidade analítica, dentre outros atributos pessoais, processam as informações e estímulos que recebem da realidade, concebendo, a partir daí, uma imagem subjetiva e pessoal dessa realidade.

Inquéritos dessa natureza não têm representatividade estatística. É a partir deles, entretanto, que se constroem cientificamente as hipóteses objetivas que servem de base às pesquisas estatisticamente representativas.

A função básica desse tipo pesquisa é induzir as pessoas a verbalizar a imagem subjetiva que têm a respeito de um conjunto específico de estímulos; bem como as razões que as levaria àquela imagem.

O consenso e o dissenso a respeito dos temas abordados e, sobretudo os argumentos expostos para defender e atacar as posições expostas nas discussões evidenciam a posição do grupo, oferecendo ao pesquisador um rico manancial de informações relevantes sobre o tema posto à discussão.

A pesquisa é normalmente realizada com grupos de 8 a 12 pessoas, com pluralidade de sexo, idade, estado civil e de outras características que possam ser relevantes para o tema analisado. O debate é realizado em torno de uma mesa, com a presença de um moderador, em local reservado, agradável e livre da presença de terceiros.

A entrevista tem a forma de uma discussão aberta, cabendo ao Moderador estabelecer o clima de cordialidade e de confiança capazes de possibilitar que a discussão flua, de forma espontânea e natural. Compete ainda ao Moderador mediar choques entre os participantes e evitar que o foco das discussões fuja dos temas propostos. Não lhe cabe, entretanto, emitir opiniões nem induzir posicionamentos.

Os indivíduos pesquisados recebem a garantia de anonimato com relação às opiniões por eles emitidas, razão pela qual as fitas utilizadas para a gravação das entrevistas são apagadas, após a elaboração dos relatórios.

Do ponto de vista operacional, o êxito de uma pesquisa qualitativa depende fundamentalmente da escolha dos indivíduos que participam do inquérito.

Os integrantes do grupo devem ser pessoas comuns, identificadas com a comunidade a que pertencem, com boa capacidade de discernimento e um mínimo de facilidade para expressar suas opiniões.

Para tanto, essas pessoas devem ser cuidadosamente escolhidas, tendo-se em mente, entre outros, os seguintes princípios seletivos:

- a) Características pessoais – Excluir do grupo as pessoas avessas à discussão de problemas comunitários; as demasiado tímidas, as excessivamente extrovertidas; bem como as que apresentam dificuldade para concatenar idéias, para externar opiniões ou para se posicionar ante o grupo;
- b) Situação junto à comunidade – Excluir do grupo as pessoas que apresentam notórias aspirações políticas, ou que exerçam qualquer tipo de cargo, autoridade ou liderança formal junto à comunidade (vereadores, ex-vereadores, líderes religiosos, professores, funcionários públicos, diretores ou presidentes de Associações, sindicatos, etc). Pessoas com essas características costumam centralizar as discussões e acabam por induzir opiniões ou inibir a livre expressão de outros membros do grupo;
- c) Conhecimento sobre o tema a ser discutido – Excluir do grupo as pessoas que não tenham um conhecimento mínimo sobre o tema a ser debatido.

1.2. A imagem do Centro Histórico de Salvador para os Soteropolitanos

O objetivo da pesquisa ora relatada foi investigar a imagem do Centro Histórico de Salvador, do ponto de vista dos residentes da capital da Bahia, com dois propósitos principais: Elaborar um questionário para realização de uma pesquisa quantitativa a ser realizada junto a uma amostra representativa da população de Salvador e prover o substrato qualitativo necessário à interpretação dos dados colhidos nessa pesquisa quantitativa.

O inquérito foi realizado entre os dias um e três de julho do ano em curso envolvendo cinco grupos de pessoas que freqüentam e que não freqüentam o CHS, sendo 2 da classe social C, 2 da classe B e 1 da classe A.

Os participantes da pesquisa foram selecionados mediante pesquisa domiciliar realizada em bairros das três classes sociais acima referidas, com a utilização do questionário que compõe o Anexo A deste documento. Dentre cerca de 250 indivíduos pesquisados foram selecionados 60.

A contribuição dos convidados foi bastante expressiva e a pesquisa obteve farta evidência da imagem que os soteropolitanos têm a respeito do CHS, cumprindo assim, plenamente, seu objetivo.

Os parágrafos seguintes descrevem, de forma sucinta, com o auxílio de citações textuais, os principais traços da imagem que os soteropolitanos têm do CHS. Embora os diversos aspectos de interesse da pesquisa estejam inter-relacionados e sejam, em geral, citados conjuntamente na maior parte dos depoimentos prestados pelos integrantes dos diversos grupos; para fins de apresentação dos resultados, procuramos, na medida do possível, segmentar os depoimentos, enfocando isoladamente algumas questões específicas consideradas relevantes para os objetivos da pesquisa.

Para que isso se tornasse possível a ordem dos comentários proferidos pelos participantes foi desconsiderada e muitos dos depoimentos prestados foram seccionados em partes, que foram reagrupadas em torno de quatro questões básicas: O que a comunidade identifica como Centro Histórico de Salvador? De que forma a comunidade se identifica com o Centro Histórico? Quais são os fatores de atração? e Quais são os fatores de rejeição do Centro Histórico para a comunidade?

Com o propósito de tornar mais claro o sentido dos depoimentos prestados, em alguns casos são acrescentadas, entre parênteses, palavras ou frases que embora inerentes, não fazem parte dos depoimentos originais.

1.2.1. O que a comunidade identifica como Centro Histórico de Salvador

O centro Histórico de Salvador ocupa uma área extensa e complexa que abriga um enorme patrimônio histórico e cultural, representado por praças, largos, avenidas, ruas, becos, igrejas, museus, teatros, cinemas, casarios, ateliês, oficinas, sebos, antiquários, bares, restaurantes, etc.

Ao analisar os depoimentos prestados pelos participantes da pesquisa fica evidente que quando fala do CHS, cada soteropolitano parece ter em mente um espaço diferente. O Pelourinho aparece em todos os depoimentos como elemento nuclear desse espaço. A partir do Pelourinho o Centro Histórico, na concepção de cada pessoa, se estende a limites diversos, que variam em função do nível de informação e da vivência de cada uma delas com aquele espaço cultural.

Apenas os mais bem informados, que constituem uma pequena minoria, conhecem a real dimensão da importância histórica e cultural do CHS e são capazes de identificar, com certa precisão, os limites territoriais, monumentos e equipamentos sociais que compõem o Centro Histórico.

A palavra Pelourinho, historicamente utilizada para identificar apenas um monumento e um espaço central relativamente pequeno da área compreendida pelo atual CHS, é hoje amplamente utilizada pelos soteropolitanos como sinônimo popular para o que se compreende como Centro Histórico de Salvador.

Os depoimentos que dão respaldo às conclusões aqui esboçadas são apresentados em seqüência à seção 2.2

1.2.2. A identidade cultural da comunidade como fator de atração para o Centro Histórico de Salvador

Independentemente da classe social e dos limites de conhecimento que cada um dos participantes da pesquisa tem em relação ao CHS, pôde-se perceber, pelos depoimentos prestados, que há um forte sentimento de identidade cultural de cada deles com o Centro Histórico. Essa identidade cultural se manifesta, dentre outras coisas, através das declarações de respeito e reverência à história, às manifestações de arte e cultura que ali são expostas e à estética arquitetônica dos logradouros públicos e dos monumentos.

Os soteropolitanos falam do CHS com certa dose de orgulho e deslumbramento, sendo esse, sem dúvida, o principal fator de atração exercido pelo Centro Histórico em relação à comunidade soteropolitana.

DEPOIMENTOS

- “O centro histórico não é só o Pelourinho...ele é riquíssimo, tem o lado humano, a arte sacra barroca, que pega uma grande área... são muitas igrejas... eu acho que se criou o conceito que é o Pelourinho, e acabou.”
- “Sou nascido no centro histórico, trabalho há 27 anos na praça da sé. .. o centro histórico é muito maior do que o Pelourinho. Ele, geograficamente falando, é uma cidade dentro de salvador... simbolicamente falando é um vaticano dentro de Roma. O centro histórico não se resume ao Olodum ou a casa de Jorge Amado, a embasa ou a catedral. O centro histórico como contexto, vem do lado dos aflitos e temos três vertentes, o inferior, o superior e a parte baixa. Vai dos Aflitos até o largo da lapinha. Ali ainda é centro histórico. Nós temos da contorno até a feira de são Joaquim. Do Largo até a Barroquinha... Ali é centro histórico.... o centro histórico é uma cidade”;

- “(O Centro Histórico) é muito bonito mesmo... e em particular a riqueza de acervos que temos, que é muito grande...só precisa mais de planejamento e trabalho”;
- “Você ta no Pelourinho... você sente que está na Bahia.”;
- “A Bahia é conhecida pelo Pelourinho...e todos os turistas que vêm à Bahia....todos...todo mundo quer ir... não tem dúvida.”;
- “Tem o mercado modelo que é uma maravilha...”;
- “ O museu da misericórdia mesmo, é um lugar bastante interessante de se conhecer...”;
- “O Elevador Lacerda...eu gosto muito, pois mostra a visão da cidade alta e da cidade baixa... eu gosto muito...”;
- “Gosto muito (do CHS)...vou muito ao elevador Lacerda...vou muito no mercado Modelo também...”;
- “ A melhor opção de Salvador, no São João, foi ali mesmo... as programações estavam muito boas. .”;
- “Na faculdade eu fui descobrir as possibilidades do Pelourinho, como um lugar de convivência da cidade...um lugar normal, não só de turistas... e ai eu comecei a freqüentar o Pelourinho. É um lugar que eu freqüento bastante, acho que em decorrência de teatros e shows... estes projetos de musica são interessantes e, pelo menos pra mim, é um dos principais motivos que me faz ir lá... como eu já disse, eu gosto mesmo é do ambiente”;
- “(O CHS) é uma coisa muito bonita, que hoje esta precisando de socorro... é assim que está o Pelourinho... eu sempre vou no Pelourinho...eu gosto de lá, das festas, dos eventos... pra mim, acho que ali tem muito axé! Muito!! Gosto das apresentações, vou nas igrejas.. gosto muito, acho muito importante... a praça da sé, a Castro Alves, é muito linda...”;
- “Eu fui nascido e criado no Santo Antonio, que é próximo do Pelourinho, que faz parte, né...então minha vida foi ali...trabalhei no comércio e subia muito o elevador Lacerda, toda aquela área dali. Agora é interessante os acervos, tem muita coisa interessante que as pessoas daqui, que o Baiano não observa. Aquelas fachadas...tudo tem dado histórico...os museus, que muito pouco baiano freqüenta e não tem divulgação. .”;

- “Eu gosto do Pelourinho. Se dependesse de mim deveria ser usada como área de estudo, por conta da sua densidade cultural. Eu estudei lá, estudei aquelas igrejas...a maioria dos freqüentadores não sabem o que significa aquilo ali...se parar para entender o que significa, um dia não dá, seria uma semana... é muita coisa... as igrejas guardam uma história muito grande.....”;
- “O Pelourinho tem uma grande coisa que é a faculdade de medicina, que é a primeira faculdade de medicina da América latina, e que agora está funcionando jóia...quando o turista chega ele vai lá visitar... teve grandes médicos como Dra Nina Rodrigues e o pai de Castro Alves, também, poxa... para o Pelourinho aquilo é uma grande coisa.”;
- “Eu acho que o astral (do CHS) realmente é maravilhoso...parece até que está em outro lugar... você chega em outros bairros e não tem este clima... qualquer pessoa que chega lá sente que há um astral... você olha e vê que tem um lugar, uma magia diferente, que é percebido por todos...”;
- “O que são pontos marcantes para mim são o elevador, por conta da paisagem, da visão da união da cidade alta com a baixa...e aquela cruz caída ali... além das igrejas que contam as histórias... a cidade foi construída em cima de sua história... o ponto principal são as igrejas. As praças vieram como renovação do local... as igrejas não! Elas estão lá e contam uma história...”;
- “É patrimônio da UNESCO.”;
- “E é o maior (patrimônio cultural) da America Latina.”;

“No Pelourinho tem a Igreja do São Francisco...é uma Igreja bonita, que a gente vai ali e vê aquele povo todo... ela refletindo a história do Brasil. .”;

- “o que eu tenho pra falar do Pelourinho é que é um lugar bonito, que mostra realmente a história de Salvador, porque quando o turista chega aqui ele só fala no Pelourinho, quer logo conhecer...quer conhecer o elevador Lacerda... e o Pelourinho é o que mostra mesmo o que é Salvador, pois Salvador não é praia, não é shopping, ou isso e aquilo. Salvador é mesmo o Pelourinho. .”;

1.2.3. Fatores de rejeição

A despeito do laço cultural acima referido os soteropolitanos fazem inúmeras e veementes restrições ao CHS. Essas críticas estão relacionadas à forma de ocupação, administração e exploração

socioeconômica daquele espaço cultural. Nesse aspecto não encontramos depoimentos que possam ser considerados elogiosos. O único elogio explícito se referiu especificamente ao trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Olodum. Além desse, os mais favoráveis, que foram poucos, consideram que os problemas apontados de fato existem, mas não seriam exclusivos do Centro Histórico e nem mesmo de Salvador, mas do País como um todo.

Na opinião da grande maioria dos entrevistados o problema crucial do Centro histórico esta relacionado com insegurança e os fatores a ela relacionados: policiamento, tráfico e consumo de drogas, roubos, assaltos, violência, prostituição, vandalismo e marginalidade. Há, entretanto, na opinião da maioria, muitos outros problemas graves pendentes de solução, sobretudo aqueles relacionados com:

- a. O acesso, a circulação e o estacionamento de veículos;
- b. A recuperação da estrutura e da aparência externa de prédios e monumentos históricos;
- c. A manutenção, limpeza, iluminação e sinalização das ruas, praças, equipamentos e monumentos públicos;
- d. O assédio de pedintes, camelos e vendedores ambulantes;
- e. O comportamento dos que fazem o CHS, que privilegia os turistas “de fora” e cobra preços extorsivos pelos bens e serviços que ali são comercializados;
- f. A falta de uma política de apoio à população carente que ali reside.

DEPOIMENTOS

- “As coisas que acontecem no Pelourinho é um reflexo de tudo que acontece no País: Prostituição, droga, violência... eu sempre fui ao Pelourinho e não vejo problema nenhum em chegar lá, o problema é a volta pra casa...”;
- “Não é só este lado negativo... conheço pessoas que moram lá...não é só marginalidade... eu acho que o problema é organização, falta de estrutura... não tem só pessoas indignas lá dentro. Conheço várias pessoas que moram lá e que são do bem. Realmente tem o lado da prostituição, da droga, mas não é só assim...”;

- “O Olodum já aprontou muito no Pelourinho, porque lá o trabalho social é bom, tem escola, informática, tira o pessoal da rua”;
- “Eu uso o Pelourinho durante o dia...tenho alguns clientes ali, mas ando ali assustada...umas duas vezes ao ano recebo gerentes de outros estados que querem ver nosso cartão postal, que é o Pelourinho...sempre que vou ali é durante o dia, nunca vou a noite, devido a segurança...então meu comentário é a falta de segurança e o abandono...que ali está muito abandonado... eu estive lá, com meu gerente de vendas...e ele foi logo notando a prostituição... passei muito rápido, mas ele foi logo notando. Antigamente essa prostituição era recuada, mas hoje ela vem a tona...era nos becos, nos casarões, mas agora ta pra quem quer ver, abertamente... eu só uso durante o dia, e muito rápido .”;
- “No ultimo São João observamos que um rapaz tinha acabado de parar um táxi (no Elevador Lacerda)...quando o táxi parou, saiu três pessoas de dentro do táxi, pegou as coisas dele e foram embora...então falta policiamento...mas a policia aqui de Salvador é mal qualificada, porque você vê não só no Pelourinho, como em todos os pontos turísticos de Salvador...”;
- “Eu só vou (ao CHS) porque sempre vou acompanhado... com três ou quatro homens juntos o ladrão não vai se aproximar assim, com tanta facilidade...eu tenho uma amiga mesmo, que eu chamei e ela disse que não vinha para o Pelourinho porque é muito perigoso... e não tem nem como a gente convencer a pessoa, se a própria mídia mostra isso tudo.”;
- “Ali (no CHS) é muito perigoso, mal sinalizado... e a questão da segurança é uma coisa que tem que ser olhada, tem que haver investimento...não podem deixar que a cada ano aquilo vá se degradando, vá piorando.”;
- “Eu não freqüento muito o centro histórico, vou quando tem trabalho da faculdade... Mas tem gente que não freqüenta por causa da violência...porque todo mundo sabe que lá é um ponto de drogas, que tem muito a questão da violência mesmo. Até tem filmes que retratam isso: Ó PAI Ó retrata um pouco disso. Ai eu deixei de freqüentar..só vou quando vem alguém de fora... como foi dito antes, o primeiro lugar que você pensa em levar um turista é lá no sitio histórico”;
- “Eu freqüento muito o Pelourinho....eu vou muito com as colegas da faculdade e com minha família...eu gosto muito de ir às igrejas, aos museus...mas eu só freqüento durante o dia...a noite eu só vou no São João... em outras vezes não vou, porque não me sinto segura em freqüentar lá a noite”;

- “(O Pelourinho) é um lugar bonito, mas agora tem insegurança, tem pedinte...é maquiado mesmo... a gente fica muito assustado em levar uma visita... então eu evito muito de ir ali, mas é um lugar bonito pra quem não conhece...quem vem de fora tem que conhecer o Pelourinho. Se vier na Bahia e não conhecer o Pelourinho, não veio na Bahia né.”;
- “Você bota seu carro ali e não sabe se vai encontrar seu carro...andar naquela praça da Sé ta difícil... até para pegar o carro, você vai com o medo de ser assaltado... e você não fica sossegado não... ai eu evito. Só vou mesmo por força maior, quando chega um parente de fora, do Rio ou São Paulo, ai temos que fazer uma gracinha...” ;
- “Não vou muito à área do Pelourinho, pois acho uma área perigosa, principalmente a noite...não vou muito lá porque tem muita droga... é muito explorada em termos de turista..lá uma coisa que custa um real, vende-se por dez reais... acho que este é o principal problema do Pelourinho...”;
- “Nessas últimas festas existiu uma queixa muito grande com relação a segurança, porque a pessoa quer ficar, está gostando da atração porque é boa, mas quando vê, seus pertences são levados...o estacionamento por ali é proibido, obrigando as pessoas a terem que andar até a praça para pegar um táxi”;
- “A última vez que eu fui lá, no São João, por volta das 19:30 já estava de volta, porque à noite lá está muito perigoso, minha mãe fica muito preocupada, e pede para eu voltar cedo pra casa, porque lá não tem segurança”;
- “Eu não sou freqüentadora do Pelourinho... pelo que escuto dos amigos e familiares tem violência... eu estava lendo sobre o Pelourinho, e vi que a partir da década de 60 passou por um processo de degradação... o centro econômico foi deslocado e ficou abandonado... ficou marginalizado. Eu acho uma pena pela história do Pelourinho estar tão ligada a história da cidade... é uma pena ter ficado assim, marginalizado. Tem a questão de transporte, violência...”;
- “Quando minhas tias vêm pra cá eu sempre vou ao Pelourinho, pra mostrar para elas, mas vou sempre durante o dia...e se eu for a noite tenho que voltar cedo, porque a segurança de lá está precária!”;
- “O Pelourinho é uma maquiagem... você percebe que é coisa completamente diferente do que se mostra pra quem vem de fora... só quem está dentro é quem conhece... as pessoas que moram ali... já foi dito a questão de prostituição, roubo, drogas... a população sabe!! Quem mora aqui sabe a realidade... quem não mora, não conhece, e para eles o Pelourinho é algo lindo de se ver!! Eu estou dizendo isso

porque dentro do Pelourinho não se vive dignamente... estes jovens que se prostituem e vendem drogas moram lá...”;

- “Eu também não vou lá muito pela insegurança...eu não me sinto bem em estar lá, sinto-me assustada, preocupada. Já presenciei assaltos e isso me traumatizou mais ainda.. e por isso me isolo do lugar. Mas isso não quer dizer que se eu precisar passar por lá, visitar ou comprar na parte do comércio, que eu não vá. Mas eu penso duas vezes! E eu evito bastante. O estacionamento eu sei que é péssimo! Já tentei na barroquinha, mas é escuro.”;

- “Tem ali o beco da rocinha, e a policia sabe onde estão os vendedores de drogas... se você passar lá, qualquer hora, você vê as pessoas vendendo e consumindo drogas...”;

- “Eu sei que a violência está em todo lugar...mas como o Pelourinho é um ponto turístico, tem que ter mais cuidado... eu vi um episódio em um terreiro lá, de uns pivetes querendo tomar bolsa e maquina fotográfica de turistas... eu acho isso um absurdo!! Aqueles pivetes querendo roubar os turistas...”;

- “Há prostituição na cidade, mas é diferente, pois não tem o fluxo de turistas.. na Pituba você tem pessoas pedindo ou coisas do tipo, mas no Pelourinho é pior. Acho que lá deveria ser fiscalizado, ou um trabalho social para tirar estas mulheres da rua...”;

- “Eu lembro ter ido no Pelourinho há uns 12 anos atrás e um menino de rua pedindo algo, chamando.. eu comprei um sanduíche pra ele... ele tinha nem 10 anos...ai passa o tempo e eu vou novamente ao Pelourinho e vejo esse menino, agora um homem... ainda lá, na mesma vida, agora no meio da boca de fumo... e os policiais passam por lá e não fazem nada...”;

- “Sempre pego o ônibus na Praça da Sé e uso o elevador....Você dá uma olhada dele (do elevador) lá pra baixo, vê os prédios históricos todos acabados...o que você tem de visão bonita é o mar, e só! Aqueles prédios que tem lá em baixo, é lastimável... ali você tem arquitetura do passado, todo um estilo que deveria ser preservado, pois guarda a origem de tudo. Nós fomos a primeira capital do país... fico olhando e penso, como é lindo... mas está acabado...”;

- “No Pelourinho tem a Igreja do São Francisco...porém os turistas ficam tristes pela forma que são abordados... a marginalidade cresceu muito devido ao crescimento da população e eles ficam sem saber o que fazer...as vezes a pessoa quer dar alguma coisa para ajudar, mas também está sendo coagido no local... eles estão ali querendo tirar uma foto e as vezes tem gente que leva os seus pertences, então falta uma segurança, uma limpeza, uma orientação, preparo de pessoas que acompanhem”;

- “Conheço o Pelourinho de sair com amigos, ir para ensaios...eu não vou ao Pelourinho com mais frequência por conta de problemas de segurança...de estacionamento precário, iluminação horrível.. além de muitas pessoas pedindo...fora o preço das coisas, que é bem caro!!”;
- “A gente que não tem carro não pode ir lá a noite ao Pelourinho, porque as atrações terminam tarde e não tem transporte pra gente.”;
- “Acho o Pelourinho um lugar muito bonito, mas eu não vou por questão de segurança e falta de estacionamento... do estacionamento até chegar ao Pelourinho é perigoso. Da vez que fui com meu pai, fui assaltado. Não vou mais lá por conta disso!
- “Transporte... só chega até uma parte...”;
“Do transporte nós precisamos, não existe transporte para o povo baiano ir lá freqüentar!”
- “Eu sou grande freqüentador do Pelourinho, principalmente a noite, depois que saio do trabalho... a falta de segurança não é para chegar lá, mas na saída. Em relação a estacionamento é horrível! Se você for estacionar na rua é perigoso...”;
- “Quando você vai passear no Elevador Lacerda, o lixo está por todo lado, uma fedentina danada...”;
- “Eu acho que o governo não está fazendo a parte dele. O museu está acabado e nunca se reforma...”;
- “Banheiro químicos não tem...Ir no banheiro, no Pelourinho, é horrível!!!”;
- “Aqueles prédios antigos não têm vigilância... ficam largados...”;
- “Tem uns 30 dias que eu trouxe um colega de Recife... ele queria logo conhecer o Pelourinho... quando chegou lá ele viu tanto menino pedindo, tanta gente incomodando... ele achava que era uma coisa e viu outra...”;
- “O que me incomoda mais é a quantidade de pedintes, de crianças principalmente... você anda uns cinquenta metros no Pelourinho, tem quatro pessoas que te abordam. .”;
- “Eu tenho um cunhado que é belga e veio conhecer o Pelourinho... ele gosta de fotografar e gosta de nossa cultura... no dia que foi no Pelourinho ele ficou realmente assustado com a situação em que

estava...várias pessoas oferecendo varias coisas ao mesmo tempo... era uma agressão!! Eu dizia que ele não falava português, mas eles assustaram ele!!”;

- “Sempre que eu posso, vou ao Pelourinho... gosto muito... mas o que falta mesmo é segurança... estacionamento... é tudo muito caro... pedintes... o povo vendendo aquelas pulseirinhas...”;
- “Hoje os pedintes tomaram conta dali... isso atrapalha muito...”;
- “Se você chega aqui, no meu comércio, um refrigerante desses custa R\$ 2,50... mas se você for no Pelourinho o mesmo refrigerante custa R\$5,00... quer dizer, um abuso! Ele não tem custos para isso... e eu não ganho suficiente para me divertir lá. Se eu chego no Pelourinho e minha filha pede um refrigerante, eu não tenho como pagar!! Fica caro”;
- “O custo é assustador, pois você pagar em uma moqueca R\$60,00.. mas acontece que o principio é que não vai ninguém, então quando vai, tem que ‘meter a faca’. Tem que repovoar o Pelourinho!! Colocar novas empresas, pessoas para morar...”;
- “Na minha visão o Pelourinho hoje em dia está mais voltado para o turismo, nós sabemos disso...as pessoas que trabalham lá estão pensando nos turistas... se você vai lá, vai ver poucos baianos... tudo se comercializa por dólar... por ai você tira que aquilo não está voltado pro baiano, mas pro americano... virou uma mina de ouro...”;
- “Meu irmão uma vez trouxe uns amigos de fora e foram para o Pelourinho... lá o garçom foi tratando-os muito bem, e desprezou meu irmão... é interessante este comportamento de tratar mal as pessoas daqui e bem o turista. Não ver que o turista só está aqui em tempo de férias enquanto nós estamos aqui sempre... e eles te julgam pela aparência...”;
- “Eu sou freqüentadora do Pelourinho há muito tempo...mas lá existe pessoas pedindo demais... lá somos extorquidos. Os valores cobrados são absurdos! Você ir para um show do Olodum é preço pra turista...O lugar está abandonado, esquecido! E eu defendo muito o Pelourinho pois é um lugar que eu adoro, sou apaixonada!!”;
- “pela visão da policia militar o Pelourinho é um lugar obscuro, extremamente violento e que foge de qualquer realidade de beleza que é mostrado lá fora. Tem um lado tão feio, tão negro que é indescritível. É muita miséria, é muita criança cheirando cola, crianças de quatro anos que sabem o que é uma cola.”;

- “Existe a miséria em torno daquilo ali, você precisa ver as pessoas ali quando se chega com comida ou com uma roupa... precisa ver a situação das pessoas que moram ali... e que vocês não tem como pegar essas pessoas e separar elas... existe muitos problemas a serem corrigidos ali e o poder público não faz nada...eu nunca ouvi dizer que o poder publico fez alguma coisa”;
- “Falta um projeto social, pra tirar estes jovens da rua... o problema é que eles já saem com mestrado e doutorado na marginalidade... tem menino que cometeu um crime pequeno e depois se juntou com um que fez um crime maior...”;
- “Não se tem informações no Pelourinho (não existe um sistema eficiente de informações aos visitantes).. pra chegar nos cantos, se você não souber andar por lá, tem que ficar perguntando pra um e pra outro...”;
- “Tem que existir educação para as crianças que estão nas ruas...”;
- “Falta o comprometimento daqueles que tem o poder para resolver...”;
- “(O maior problema é) a exclusão do povo ao redor...como é que não tem escola ou posto de saúde no sitio histórico de salvador? Então vemos situações de miséria extrema morando a uma parede do que é mais belo e mais bonito...então fica difícil mudar, porque a administração do Pelourinho existe para suprir as necessidades do turista. Do povo, quem trata, quem cuida disso é a polícia”;
- “Eu acho que o que falta mesmo são políticas sérias para todo sítio histórico de Salvador...política de inclusão, política de reestruturação, voltada para os turistas... resumindo, a exclusão desse espaço é que gera toda essa violência .”;

1.2.4. O CHS de ontem e de hoje

Na percepção das pessoas que participaram da pesquisa a situação do CHS vem piorando ao longo do tempo. Varias das pessoas pesquisadas teceram comentários comparando a atual situação do CHS com aquela por eles vivenciada há algum tempo atrás. Todas essas pessoas, sem exceção, consideraram que a situação atual é pior. Uns se expressaram de maneira saudosista, outros com certa amargura e decepção.

DEPOIMENTOS

- “O Pelourinho está meio apagado, ta meio abandonado. A iluminação melhorou, mais está sem segurança, o policiamento é muito pouco, o assédio de vendedores é muito grande, deixando todo mundo até com medo...não tem mais aquele cadastramento que tinha antes. Gosto de estar participando, mais a gente vê que os turistas estão abandonando (o CHS) por causa justamente disto...por causa da insegurança, da falta de organização...até quem é daqui tem medo, porque vê que não é mais como era antes....aquela animação (de antigamente) não tem mais...o policiamento é fraco, assaltos, pontos de droga...todo mundo sabe disso e ninguém toma providência. Ta precisando realmente de um braço forte que possa fazer com que o sitio histórico seja como era antes...”;
- “O centro histórico, na praça da sé, já teve 12 joalherias, hoje não tem mais... na Sé havia 7 casas de disco, havia lojas de roupas finas, que hoje estão nos shoppings... por que isso? Porque as pessoas ficaram desmotivadas e veio o crack, as prostitutas, os travestis... e a prefeitura diz que eles são cidadão... eu respeito, mas o que eles agregam ao centro histórico?”;
- Na adolescência eu passeava pelo Pelourinho, tinha os barzinhos, boate...eu era uma freqüentadora assídua do Pelourinho... Há uns cinco ou seis anos eu freqüentava o forró do Pelourinho. Mas com o tempo foi se degradando...também há falta de estacionamento, porque não tem no Pelourinho”;
- “Eu particularmente gosto do Pelourinho, mas não está como antes, está morrendo, ta precisando de socorro”;
- “O Pelourinho teve duas eras, a de ACM, em que foi reformado...na época dele tinha policia, era outro Pelourinho... tinha shows dia de terça.. eu já sai de lá de madrugada, sem problemas.. hoje eu não faço isso.. da última vez que fui, arrombaram meu carro.. então é isso”;
- “Eu ia muito ao Pelourinho, fazer pesquisa, me divertir...mas hoje dá medo, por conta da prostituição, drogas, assalto... hoje o Pelourinho dá medo...antes íamos ver as igrejas, que são lindas, mas hoje não dá para visitar... ta precisando melhorar, tem muitos jovens nas ruas largados...”;
- “No Pelourinho tem gente que ganha muito, ao lado do miserável que não ganha nada... falta policiamento... falta estacionamento... falta estrutura... na era ACM era melhor, agora está tudo largado... os próprios casarões que ele restaurou estão acabados. Eu adoro aquilo, apesar de ser pernambucano sempre gostei do Pelourinho...”;

- “Eu gosto do centro histórico, mas não frequento muito. Sei que lá é um local diferenciado, por conta da história.... quando pequena ia com meus pais, mas agora acho perigoso..”;
- “Trabalhei até ano passado no centro histórico, perto do INSS. E vi o centro histórico acabado. Depois da revitalização eu até frequentei mais, pois tinha policiais em cada esquina e dava o sentimento de segurança. Depois a política entrou, e ficou abandonado, pois um fez e o outro largou, e hoje é inseguro. Você não tem onde parar o carro...Você vê gente fumando crack, vê prostitutas...”.

2. Pesquisa Quantitativa

A pesquisa ora relatada, conforme já foi assinalado, teve o propósito de colher, junto a uma amostra representativa da população de Salvador, os dados necessários ao cumprimento dos objetivos do contrato firmado entre a UNESCO e a Datamétrica Consultoria, Pesquisa e Telemarketing Ltda., ou seja, investigar o conhecimento, a imagem e o interesse dos residentes da capital da Bahia pelo Centro Histórico, identificando os motivos reais que fazem com que os Soteropolitanos não freqüentem ou freqüentem pouco aquele espaço.

As seções que se seguem descrevem a maneira pela qual as exigências e recomendações contidas no instrumento contratual, referentes à amostra e à estrutura operacional do processo de coleta dos dados foram colocadas em prática, e os resultados da pesquisa.

O relatório inclui três anexos: o primeiro anexo relaciona os Setores Censitários que compõem a amostra, o segundo anexo apresenta os instrumentos utilizados na pesquisa (modelo do questionário e Manual de Aplicação), enquanto que o terceiro anexo contém as tabelas numéricas que encerram as distribuições de freqüências das variáveis pesquisadas

2.1. Informações sobre a operacionalização da pesquisa

Este capítulo descreve a forma pela qual os objetivos, exigências e recomendações técnicas formuladas pelo contratante foram postos em prática, considerando os condicionantes impostos pela realidade.

2.1.1. A elaboração do questionário utilizado na pesquisa

O levantamento dos dados foi realizado através da aplicação de um questionário complexo que teve por um lado o propósito de caracterizar as pessoas pesquisadas, no que diz respeito a idade, sexo, nível de instrução e classe social; e por outro lado, obter dessas pessoas uma avaliação abrangente sobre o Centro Histórico de Salvador, contemplando os diversos aspectos objetivados pela pesquisa.

A primeira versão do questionário foi concebida pelo Escritório de Referência do Centro Antigo (ER/CAS). Essa primeira versão foi aperfeiçoada com base nos resultados de uma pesquisa qualitativa com cinco grupos de Soteropolitanos das classes A, B e C¹. Após aprovação, pelo órgão supervisor, as

¹ Os resultados dessa pesquisa qualitativa encontram-se apresentados em relatório próprio devidamente encaminhado ao órgão contratante.

modificações propostas pela Datamétrica foram efetivamente incorporadas ao questionário original, resultando na versão final, que se encontra reproduzida no Anexo B deste documento.

2.1.2. A Amostra Pesquisada

A pesquisa, do tipo domiciliar, foi realizada com pessoas das classes A, B e C cobrindo toda a cidade de Salvador. De acordo com o IBOPE, Instituto responsável pela metodologia denominada “Critério Brasil”², os percentuais de domicílios da RMS de Salvador por categorias correspondem aos números que são a seguir apresentados.

Tabela !

Distribuição Percentual da População na Região Metropolitana de Salvador

Classes	% da População	% Corrigido
A = A1 + A2	3,2	5,5
B = B1 + B2	14,2	24,5
C = C1 + C2	40,5	69,9
Total	57,9	100,0

Fonte: IBOPE, Pesquisa Critério Brasil - 2005

A partir dos números contidos na Tabela 1 foram estabelecidas as cotas de 5%, 25% e 70%, para coleta de dados junto a famílias das classes A, B e C.

Para assegurar o cumprimento dessas cotas os questionários incluíram as perguntas relacionadas com o patrimônio familiar exigidas pelo “Critério Brasil” (ver questão 2 do questionário, no Anexo B deste documento). Só depois de verificar se a família sorteada pertencia à categoria estipulada em sua cota, o pesquisador dava seqüência à entrevista. Em caso contrário, encerrava a entrevista e procurava o próximo endereço, de acordo com o plano amostral.

Como não existem catálogos de endereços correspondentes às diversas categorias sociais, a amostra foi construída com dados oriundos do último Censo demográfico, que se encontram disponibilizados pelo IBGE em um pacote denominado “Agregado por setores censitários: Total do rendimento nominal mensal dos responsáveis pelos domicílios particulares privados”. Esses dados contemplam a renda do chefe da família, que foi usada como “proxi” para se chegar aos domicílios a serem entrevistados.

² Ver detalhamento da metodologia no Anexo C

A separação dos Setores Censitários entre as três categorias sociais foi obtida mediante a definição de limites arbitrados, de acordo com os critérios abaixo apresentados.

A distribuição dos setores censitários em função da renda média dos responsáveis pelos domicílios, conforme caracterizada na Tabela 2, é bastante assimétrica, concentrando a grande maioria dos domicílios (75,4%) no curto intervalo de zero a seis Salários Mínimos. Foram arbitrados os intervalos de zero a três e de três a seis Salários Mínimos para separar os Setores Censitários típicos de famílias correspondentes às Classes E/D, e C, respectivamente.

Para chegar aos Setores Censitários típicos das classes B-, B, B+, A-, A e A+ foram considerados, linearmente, os intervalos correspondentes a: 6 a 9; 9 a 12; 12 a 15; 15 a 18; 18 a 21 e acima de 21 Salários Mínimos.

Tabela 2

Salvador: Distribuição dos Setores Censitários por nível de renda média do chefe do domicílio

Renda média por domicílio e por setor censitário (em S.M.)	No. De Setores	(%)
De 0 a menos de 3 – Classes D e E	1.354	54,1
De 3 a menos de 6 - Classe C	534	21,3
De 6 a menos de 9 – Classe B-	198	7,9
De 9 a menos de 12 – Classe B	107	4,3
De 12 a menos de 15 – Classe B+	69	2,8
De 15 a menos de 18 – Classe A-	81	3,2
De 18 a menos de 21 – Classe A	51	2,0
21 a mais – Classe A+	109	4,4
Total	2.503	100,0

Fonte: IBGE - "Agregado por setores censitários: Total do rendimento nominal mensal dos responsáveis pelos domicílios particulares privados".

Partindo da hipótese de que se houver diferença de comportamento entre os indivíduos das categorias B e A, essa diferença será tão mais marcante, quanto maior for a diferença de renda entre os indivíduos avaliados das 2 categorias, consideramos mais adequado tomar como referência os Setores residenciais típicos das categoria A+. Vale salientar que a proporção de domicílios dessa categoria para a população, como um todo (4,4%), aproxima-se dos 5% previstos pelo IBOPE para a classe A.

Em função desses argumentos optamos por considerar a renda média acima de 21 salários mínimos/Setor Censitário como indicativo dos Setores Censitários típicos da classe A.

A partir desse critério, se chegou ao quantitativo de entrevistas por intervalos de renda, conforme consta da Tabela 3.

Tabela 3
Composição da Amostra por Setores Censitários e por Domicílios

Intervalo de Renda (S.M)	Classes	(%) de Setores na População	% Corrigido na População	% de Setores na Amostra
3 a 6	C	21,3	46,4	47
6 a 15	B	15,0	32,7	34
Maior do que 15	A	9,6	20,9	19
Total		45,9	100	100

A função do cadastro de Setores Censitários do IBGE, portanto, foi possibilitar que a escolha dos entrevistados fosse feita de maneira aleatória, já que o cumprimento das cotas por classe social ficou assegurado pela aplicação do critério Brasil.

As entrevistas domiciliares foram realizadas ora com o responsável, ora com o cônjuge, ora outros moradores maiores de 18 anos, procurando manter, tanto quanto possível, uma distribuição equitativa de entrevistas por sexo e por faixa etária

2.1.3. Composição e capacitação da equipe de campo

O trabalho de campo foi executado por uma equipe composta por 1 Coordenador, 2 supervisores e 16 pesquisadores. O Coordenador e os Supervisores foram selecionados entre os técnicos componentes do quadro da Datamétrica, enquanto que os pesquisadores foram recrutados em Salvador, com a exigência de terem cumprido pelo menos o segundo grau completo.

O Coordenador foi responsável pelo treinamento da equipe, pela distribuição das tarefas, pela orientação dos pesquisadores e supervisores e pela qualidade final do trabalho. Os supervisores receberam a incumbência de visitar pelo menos 20% dos domicílios pesquisados, para referendar o cumprimento do plano amostral e para checar a validade das respostas colhidas pelos pesquisadores.

Aos pesquisadores coube localizar os setores censitários amostrados, identificar os domicílios a serem pesquisados e colher as informações constantes dos questionários, de acordo com as instruções repassadas no treinamento e constantes do “Manual de Instruções para a Coleta de Dados e Preenchimento do Questionário”.

A capacitação da equipe de campo foi realizada em dois estágios. O primeiro aconteceu no dia 12 de julho de 2008, nas dependências do hotel Litorâneo, na cidade de Salvador. A programação foi iniciada com a apresentação e discussão das regras de comportamento ético e profissional a serem respeitadas e teve seqüência com a discussão da logística operacional e com a análise dos conteúdos do Manual de

Instruções e do questionário a ser aplicado. Concluída essa fase os pesquisadores, divididos em grupos de 2 e acompanhados por seus respectivos supervisores, realizaram, entre si, a aplicação simulada do questionário. .

A segunda etapa do treinamento foi realizada no dia seguinte, a título de pré-teste, quando os pesquisadores foram ao campo entrevistar uma amostra de 60 pessoas, em domicílios aleatoriamente escolhidos. Após a análise de conteúdo dos questionários aplicados, pelo Coordenador da pesquisa, as dúvidas e dificuldades do pré-teste foram discutidas pelo grupo, em reunião plenária, encerrando assim o trabalho de capacitação.

2.1.4. Coleta, tratamento e processamento dos dados

O trabalho de coleta de dados foi realizado entre os dias 14 e 20 de julho, tendo transcorrido sem registro de anormalidade. O plano amostral foi seguido com rigor e a supervisão não detectou qualquer tipo de erro, inconsistência ou omissão sistemática que fossem dignos de registro.

Concluída a etapa de campo os dados foram transferidos para meio magnético e submetidos a um crivo estatístico de detecção de inconsistência lógica entre as respostas, que não detectou qualquer tipo de problema que merecesse reparo.

Comprovada a inexistência de inconsistências, erros e omissões, as informações colhidas na pesquisa foram armazenadas em um banco de dados versátil, que é capaz de interagir com os diversos softwares estatísticos e econométricos disponíveis, para possibilitar uma vasta gama de usos técnicos e acadêmicos, tal como exigido pelo contratante.

A partir do banco de dados foram geradas as distribuições e estatísticas requeridas para a elaboração do relatório final da pesquisa. Essas distribuições de frequências estão computadas para o conjunto dos indivíduos e, separadamente, para cada uma das três classes sociais pesquisadas. Cada uma das distribuições vem acompanhada do valor modal e, no caso das variáveis cardinais, dos valores médios das variáveis analisadas.

2.2. Descrição dos resultados da pesquisa

O conjunto de distribuições de frequências das variáveis pesquisadas é do ponto de vista técnico, suficiente para caracterizar a imagem que os soteropolitanos têm a respeito do Centro Histórico de Salvador.

Para facilitar, entretanto, a interpretação dos resultados da pesquisa, este capítulo faz uso de tabelas numéricas e, quando pertinente, das imagens gráficas correspondentes às distribuições de frequências, para apresentar aos leitores, sobretudo aos menos versados em estatística, uma visão geral básica dos números colhidos no campo. O objetivo colimado é tão somente descrever e comentar, em linguagem acessível, o comportamento das variáveis observadas.

Ao transferir os dados das tabelas numéricas para os gráficos o programa pode realizar arredondamentos de casas decimais. Esses arredondamentos, em alguns casos, podem implicar na ocorrência de divergências centesimais entre os números das Tabelas e dos gráficos que lhes correspondem. Também em função desses arredondamentos os percentuais correspondentes às diversas opções de respostas, às vezes, podem resultar em somas ligeiramente diferente de 100%. Essas pequenas discrepâncias, quando ocorrem, são apenas aparentes e não devem ser levadas em consideração.

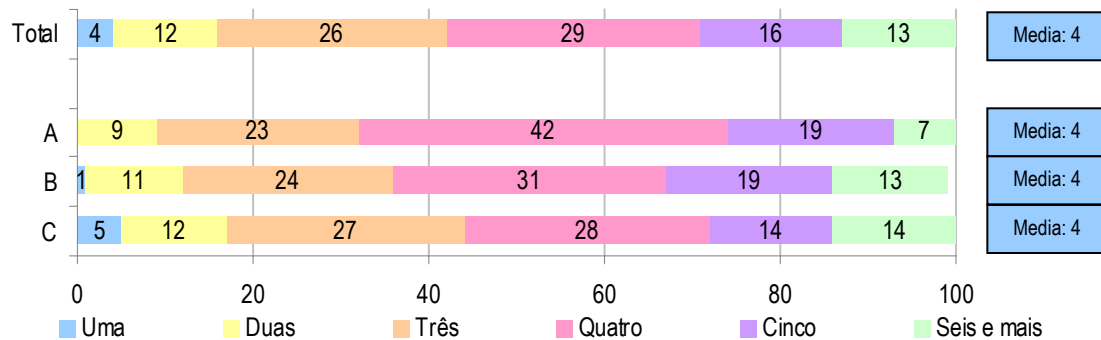
2.2.1. Caracterização do público amostrado

2.2.1.1. Adequação da amostra

Algumas questões do questionário foram desenhadas com o propósito de avaliar o nível de adequação da amostra. Quando se analisa os dados colhidos pode-se concluir que a amostra utilizada na pesquisa cumpriu fielmente o desenho de seu plano amostral e é perfeitamente adequada aos objetivos do trabalho.

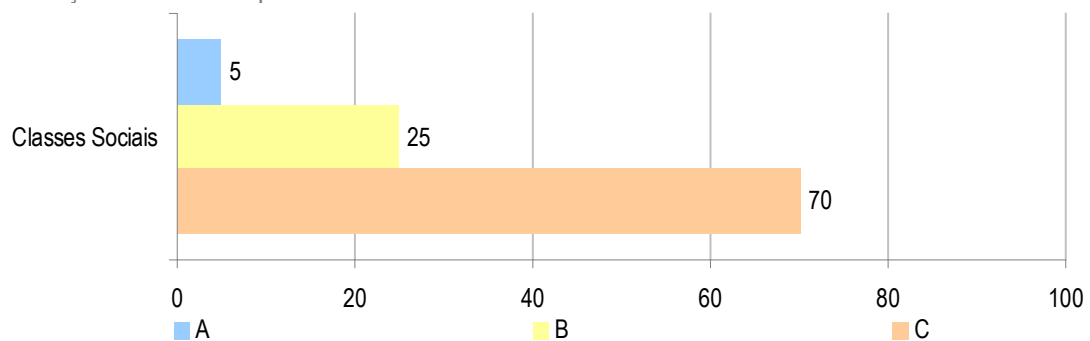
- a) O tamanho médio das famílias pesquisadas, independentemente da classe social, foi de 4 pessoas/família, conforme pode ser vista na figura abaixo.

Gráfico 1
Distribuição dos entrevistados por tamanho da família



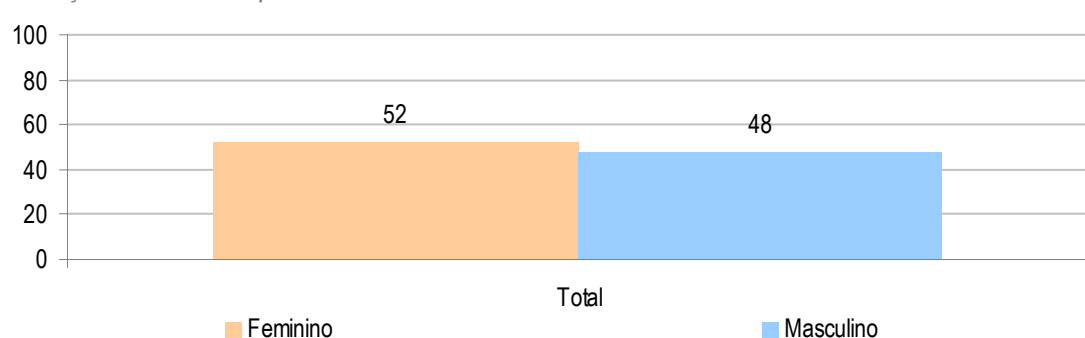
- b) As proporções de entrevistados das três categorias foi precisamente aquela que constou do plano amostral e reflete o comportamento da população pesquisada, ou seja: 5% de classe A, 25% de classe B e 70% de classe C;

Gráfico 2
Distribuição dos entrevistados por classe social



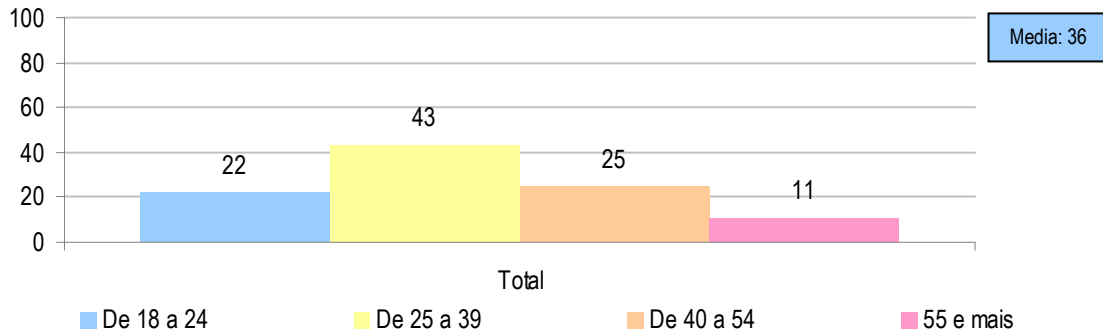
- c) As proporções de entrevistados dos dois sexos, 52% de mulheres e 48% de homens, refletem adequadamente a disposição dos pesquisadores, que procuram entrevistar homens e mulheres na mesma proporção, para bem cumprir os objetivos da pesquisa.

Gráfico 3
Distribuição dos entrevistados por sexo



- d) As entrevistas contemplaram indivíduos com idade superior a 18 anos, sendo proporcionalmente distribuídas entre pessoas de todas as faixas etárias.

Gráfico 4
Distribuição dos entrevistados por idade



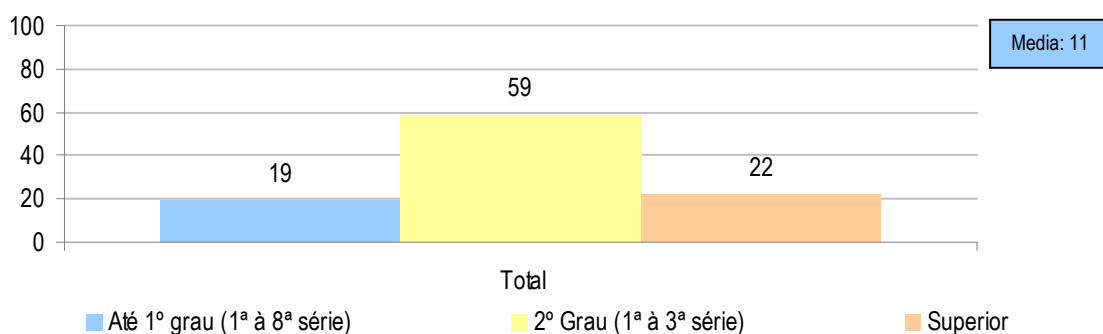
2.2.1.2. Caracterização dos entrevistados

Os números constantes dos gráficos abaixo denotam algumas características da amostra pesquisada que são importantes para evidenciar diferenças relevantes entre as três categorias sociais enfocadas e para permitir uma interpretação mais adequada das avaliações apresentadas por essas categorias, em relação ao Centro Histórico.

2.2.1.2.1. Distribuição dos entrevistados por grau de instrução

De acordo com os números do gráfico 4 a maioria dos entrevistados (59%) tem nível de escolaridade equivalente ao segundo grau, ficando os restantes divididos entre aqueles de primeiro grau (19%) e de nível superior (22%).

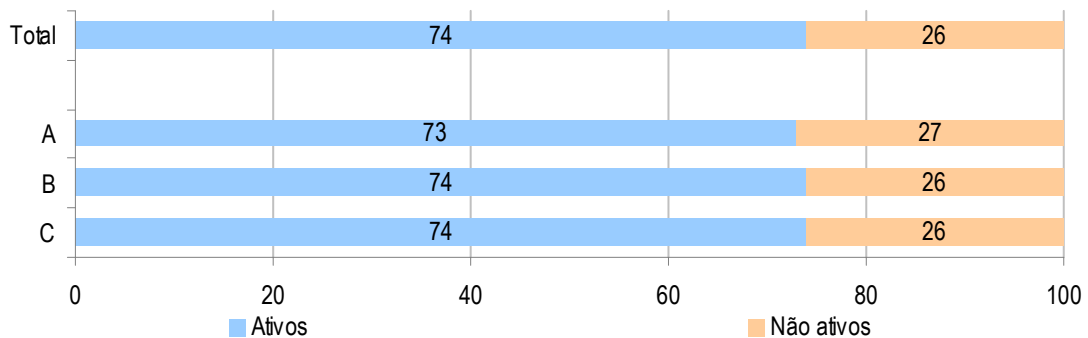
Gráfico 5
Distribuição dos entrevistados por grau de instrução



a) Distribuição dos entrevistados por situação econômica

Conforme pode ser observado nos números contidos no gráfico 5, 73% a 74% das pessoas entrevistadas, de todas as categorias sociais, encontravam-se economicamente ativas no período em que responderam à pesquisa.

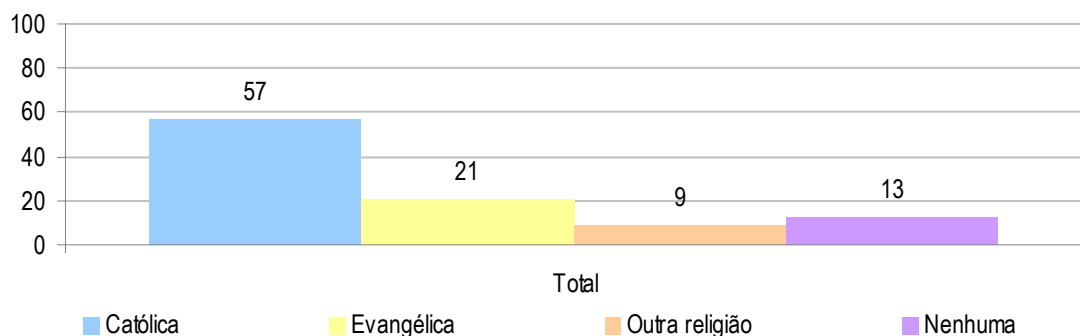
Gráfico 6
Distribuição dos entrevistados por situação econômica



2.2.1.2.3. Distribuição dos entrevistados por religião

Cerca de 87% dos entrevistados se declararam religiosos. Catolicismo e Protestantismo evangélico são as duas religiões mais comumente professadas.

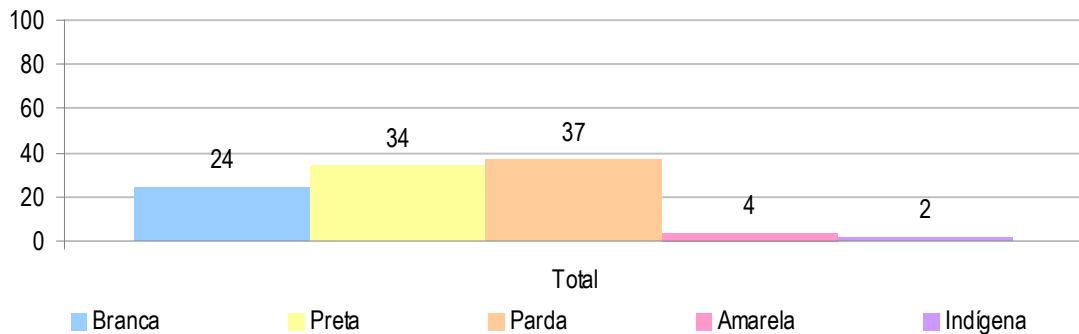
Gráfico 7
Distribuição dos entrevistados por religião



2.2.1.2.4. Distribuição dos entrevistados por raça (cor da pele)

Dentre os entrevistados 24% se declararam brancos, 34% negros, 37% pardos e os demais entre amarelos e índios.

Gráfico 8
Distribuição dos entrevistados por cor da pele



2.2.1.2.5. Atividades de lazer preferidas pelos entrevistados

O Quadro abaixo apresenta a agregação das respostas dadas pelas pessoas pesquisadas em relação às 5 atividades de lazer por eles preferidas. Analisando os números contidos no Quadro verifica-se que praia é, à frente de todas as outras, a atividade de lazer preferida pelos soteropolitanos de todas as categorias sociais.

Outras atividades que gozam de elevada preferência são barzinho, cinema, restaurante e teatro, além daquelas que podem ser desfrutadas no próprio lar, como TV/DVD, Música, computador e leitura.

Pode-se inferir a partir desses números que as atividades de lazer que refletem as preferências dos Soteropolitanos e que podem ser encontradas no CHS, como cinema, teatro, bar, restaurante, etc. encontram-se também disponíveis, para os Soteropolitanos, em muitos outros pontos da cidade, possivelmente mais convenientes e mais próximos de suas residências..

Como os museus, igrejas, antiquários e outros equipamentos sociais que são exclusivos da pauta de atrações do Centro Histórico e, portanto não podem ser encontrados alhures, não constam do rol de preferências do povo da cidade; é natural esperar que a demanda pelo CHS seja relativamente acanhada, independentemente da situação conjuntural que aquele espaço esteja eventualmente experimentando.

Do ponto de vista das diversas classes sociais pode-se dizer que: Restaurante, cinema, barzinho e teatro são, nessa seqüência, atividades que, após a praia, gozam de maior preferência por parte daqueles que fazem parte da classe A.

Barzinho, cinema, restaurante e show musical, nessa ordem, são, depois da opção praia, as atividades de lazer de maior preferência da classe B.

Para a classe C, depois de praia, as atividades que gozam de maior preferência são, pela ordem, barzinho, TV/DVD, música (em casa) e show musical.

Tabela 1
Atividades de lazer preferidas pelos entrevistados

Respostas	Total	Classes Sociais		
		A	B	C
Teatro	15	29	18	13
Cinema	23	44	36	16
Barzinho	41	34	38	43
Música em casa	26	13	19	30
Praia	61	65	66	58
Museus	3	10	4	2
Restaurantes	18	50	23	14
TV/DVD em casa	28	14	17	33
Shows musicais	19	21	22	17
Shopping Centers	21	19	21	21
Computador em casa	15	13	14	15
Jogar futebol	7	2	7	8
Ler	1	1	2	1
Viajar	4	17	9	1
Ir à igreja	2	1	2	2
Não sabem/ Não responderam	3	0	2	3

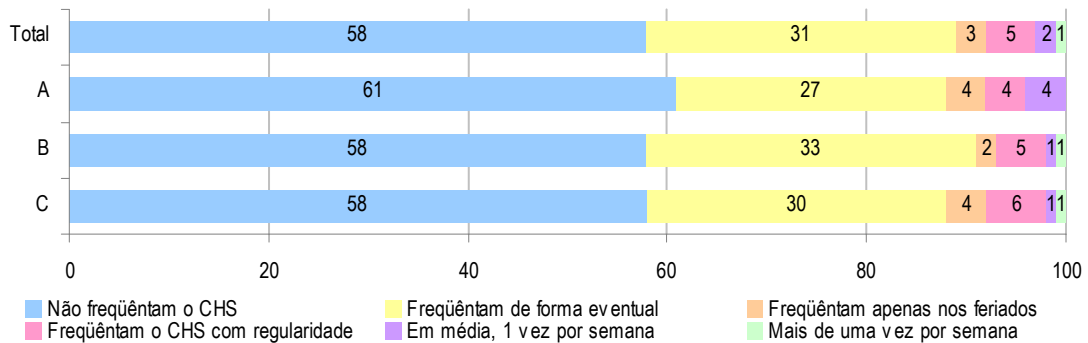
2.2.1.2.6. Assiduidade dos entrevistados ao CHS

De acordo com os números do Gráfico abaixo, 58% dos soteropolitanos maiores de 18 anos, por motivos que serão a seguir comentados, não freqüentam o Centro Histórico de Salvador. Outros 31% freqüentam, mas de maneira esporádica (no máximo até 3 vezes por ano).

Apenas 5% da população, com pequena variação entre as 3 classes sociais, freqüentam o Centro histórico com regularidade (mais de 3 vezes por ano) e 3% freqüentam aquele espaço pelo menos uma vez por semana.

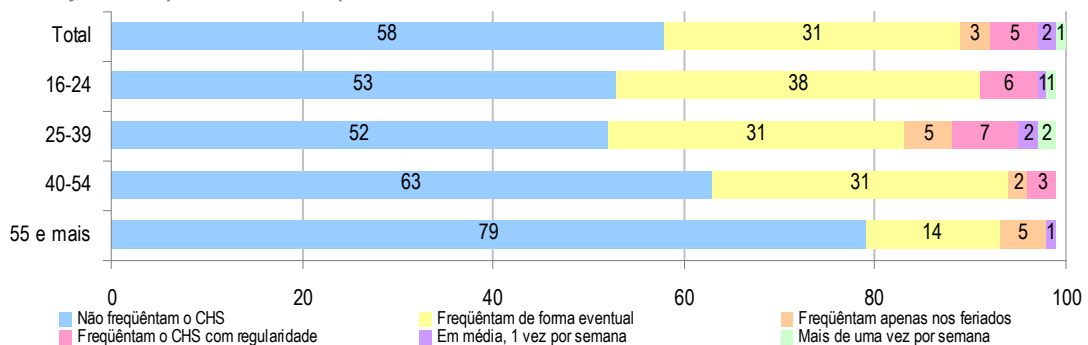
Em termos absolutos a grande maioria dos freqüentadores mais assíduos (uma ou mais vezes por semana) pertence à classe C (2%). São, entretanto, as pessoas da classe A que, em termos em termos proporcionais, mais freqüentam aquele espaço (4%).

Gráfico 9
Distribuição dos entrevistados por níveis de frequência ao CHS



Os freqüentadores do Centro Histórico, sobretudo os mais assíduos, apresentam idade entre 16 e 39 anos, com maior concentração de pessoas com 25 a 39 anos. A freqüência de pessoas com idade superior a 55 anos é mais rara e acontece, principalmente durante as grandes festas dos feriados.

Gráfico 10
Distribuição dos freqüentadores do CHS por faixas de idade



2.2.1.2.7. Distribuição dos entrevistados por motivos da baixa freqüência ao CHS

O quadro abaixo apresenta os principais motivos alegados pelos freqüentadores eventuais do CHS para justificar sua baixa freqüência àquele espaço cultural.

Insegurança (54%) e falta de tempo (49%) são as duas principais justificativas apresentadas. A presença de drogados e prostitutas (26%), os problemas relacionados com transporte público e estacionamento (21%), o assédio de mendigos e ambulantes (15%), a inadequação da programação cultural (11%) e os altos preços que são cobrados pelos bens e serviços comercializados no Centro Histórico (11%) são, nessa ordem de importância, os fatores específicos que mais contribuem para reduzir a freqüência dos visitantes.

Tabela 2
Distribuição dos entrevistados por motivos da baixa frequência ao CHS - As 3 Opções agregadas, entre os que frequentam o CHS de forma eventual ou apenas nos feriados

Respostas	Total	Classes Sociais		
		A	B	C
Não lhe sobra tempo para ir ao CHS com mais frequência	49	72	62	43
Por falta de transporte público e/ou custo de estac.	21	3	11	26
Por conta do estado físico dos prédios e monumentos	5	1	7	4
Porque a programação cultural do CHS não consegue atraí-lo	11	11	10	11
Porque o CHS está direc. p/ turistas em det. público local	9	5	4	11
Por conta da presença de drogados e prostitutas	26	26	24	27
Por conta do assédio dos mendigos e ambulantes	15	7	12	17
Por conta da insegurança	54	60	65	49
Porque os preços praticados no comércio do CHS são elevados	11	9	4	14
Outros	3	3	5	3
Não sabem/ Não responderam	1	0	2	1

2.2.1.2.8. Frequência dos entrevistados ao CHS, por dias e horários das visitas

Cinquenta e dois por cento das pessoas que frequentam o Centro Histórico, principalmente as da classe C, costumam visitar aquele local nos fins de semana. Apesar do alegado problema de insegurança apenas 33% dos visitantes declara não frequentar aquele espaço durante a noite.

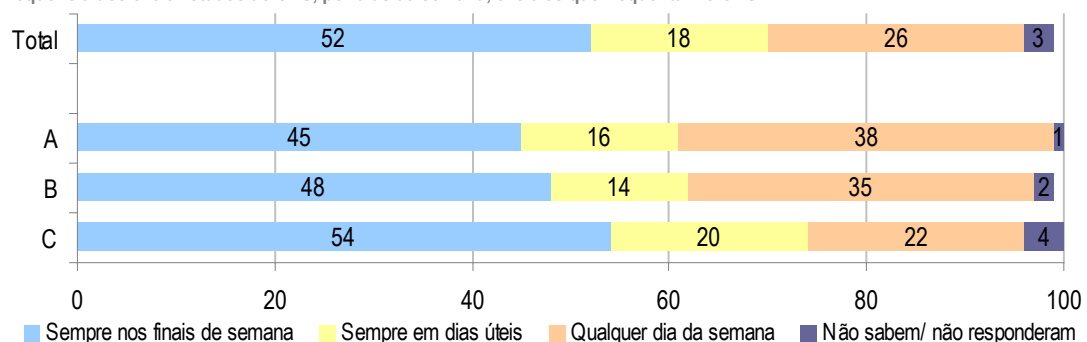
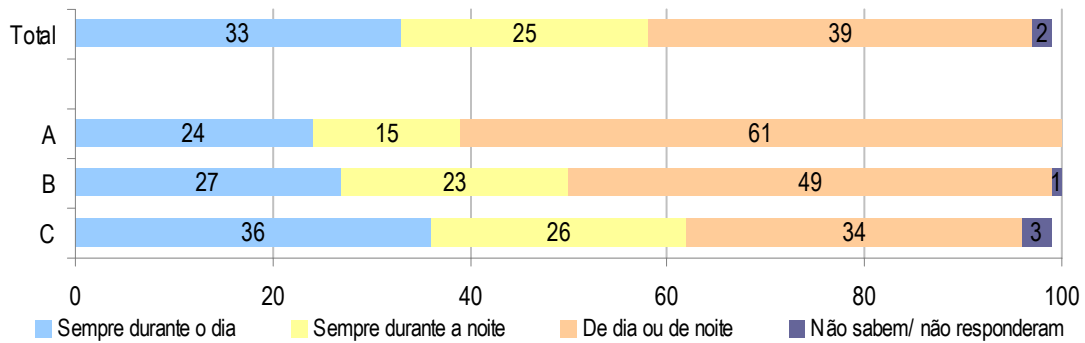
Gráfico 11
Frequência dos entrevistados ao CHS, por dias da semana, entre os que frequentam o CHS


Gráfico 12
 Horários de frequência dos entrevistados ao CHS, entre os que freqüentam o CHS



2.2.1.2.9. Frequência aos principais subespaços do Centro Histórico e respectivos motivos das visitas

As áreas mais freqüentemente visitadas do Sítio Histórico são, pela ordem, Terreiro/ Pelourinho (freqüentada por 86% dos visitantes); Praça da Sé/ Misericórdia (freqüentada por 62% dos visitantes); São Bento/ Rua Chile (freqüentada por 48% dos visitantes) e Carmo/ Santo Antônio (freqüentada por 36% dos visitantes).

Gráfico 13
 Frequência de visita à São Bento/ Rua Chile, entre os que freqüentam o CHS

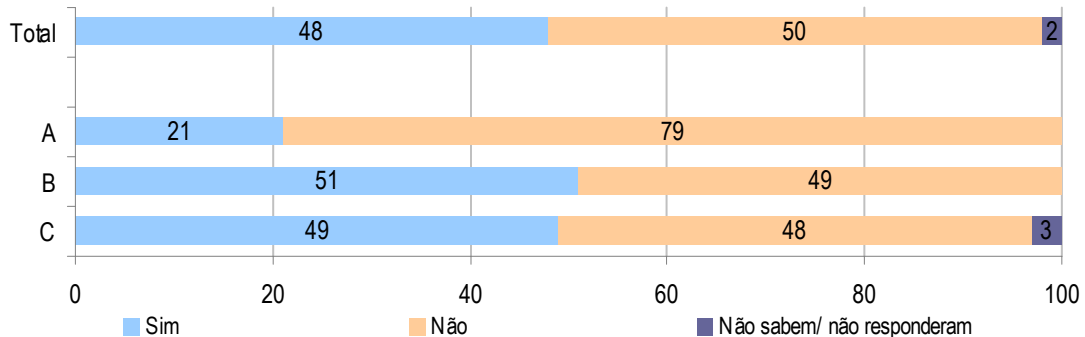


Gráfico 14
 Frequência de visita à Praça da Sé/ Misericórdia, entre os que freqüentam o CHS

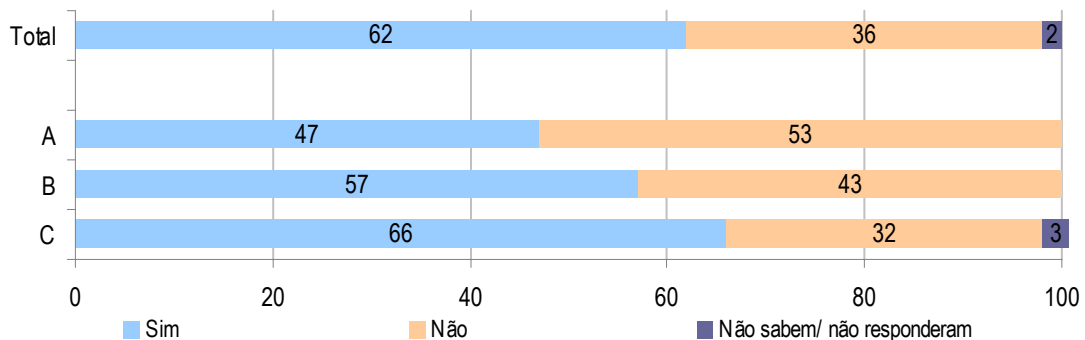


Gráfico 15
 Frequência de visita ao Terreiro/ Pelourinho, entre os que freqüentam o CHS

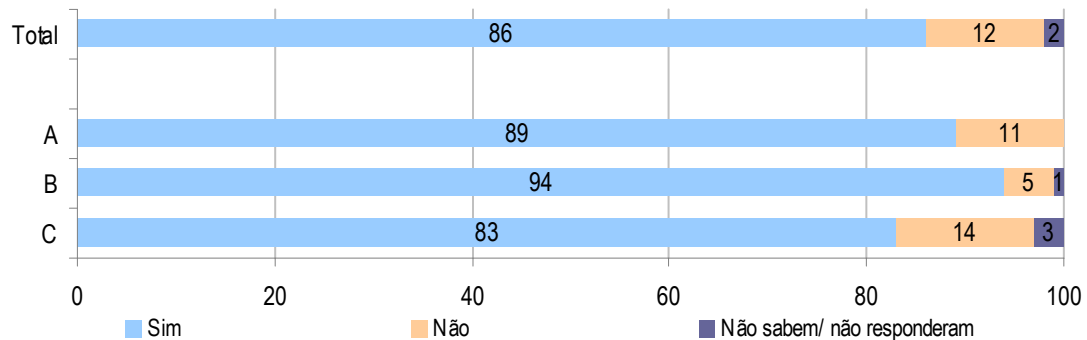
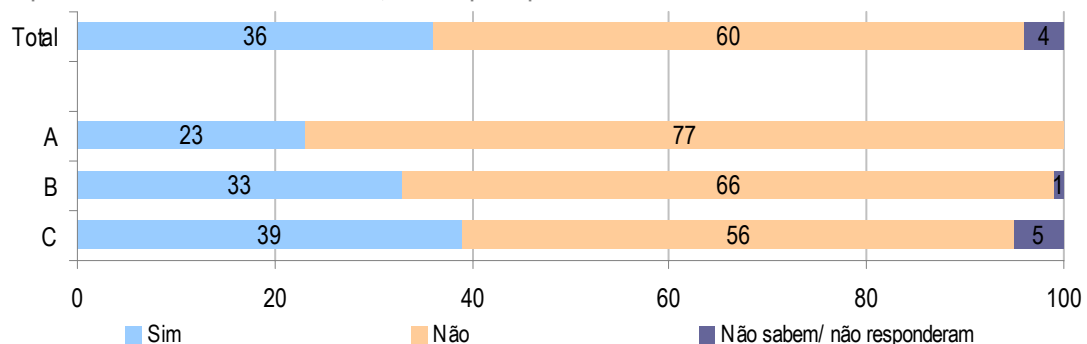


Gráfico 16
 Frequência de visita ao Carmo/ Santo Antônio, entre os que freqüentam o CHS



Conforme pode ser visto através dos números contidos nos Quadros 18 C, 19 C, 20 C e 21 C, os cinco principais objetivos para as visitas aos diversos subespaços do Centro Histórico são, pela ordem:

- a) Terreiro/ Pelourinho – Assistir a shows (39%); **freqüentar bares/restaurantes/sorveterias (39%); desfrutar das praças e paisagens (23%); visitar Museus/Centros Culturais/Fundações (20%) e acompanhar pessoas que visitam Salvador (17%);**
- b) Praça da Sé/ Misericórdia – **Desfrutar das praças e paisagens (27%); realizar compras (24%); freqüentar bares/restaurantes/sorveterias (23%); assistir a shows (20%); buscar serviços de profissionais especializados (16%);**
- c) São Bento/ Rua Chile – **Realizar compras (36%); trabalhar (27%); freqüentar bares/restaurantes/sorveterias (12%); visitar Museus/Centros Culturais/Fundações (9%); acompanhar pessoas que visitam Salvador (8%) e desfrutar das praças e paisagens;**

- d) Carmo/ Santo Antônio – Ir a igrejas (29%); desfrutar das praças/paisagem (22%), assistir a shows (17%); freqüentar bares/restaurantes/sorveterias (16%) e visitar museus/centros culturais e fundações (11%).

2.2.1.2.10. Conhecimento a respeito da condição atribuída ao CHS pela UNESCO e pelo IPHAN

Dentre os entrevistados 65% (Gráfico 12) sabiam que o Centro Histórico de Salvador é reconhecido pela UNESCO e tombado pelo IPHAN. De acordo com os números apresentados no Gráfico 11 89% dos entrevistados da classe A, 66% da classe B e 55% da classe C sabiam que o espaço é o maior sítio histórico da América Latina.

Gráfico 17
 Percentual de entrevistados que sabem que o CHS é o maior sítio histórico da América Latina

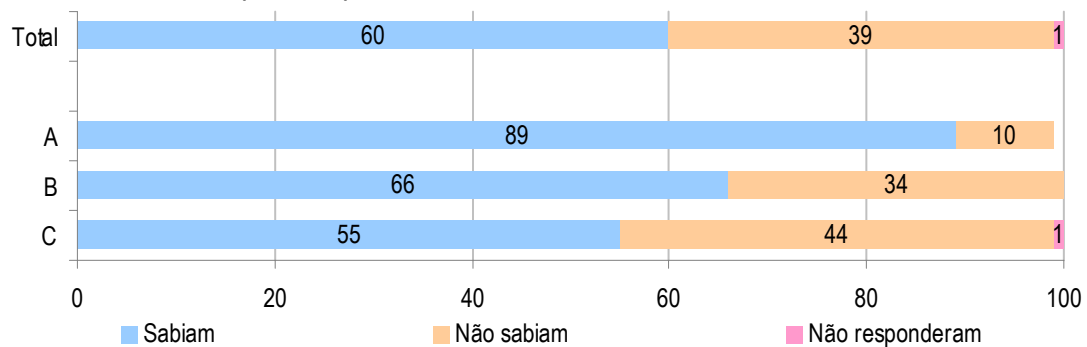
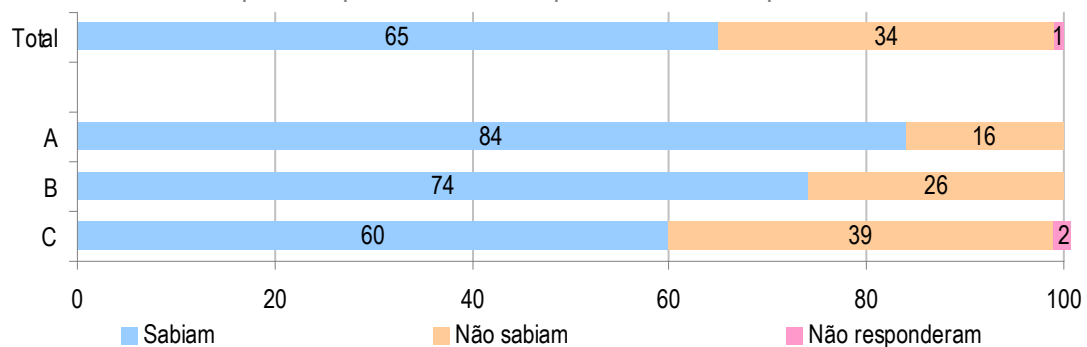


Gráfico 18
 Percentual de entrevistados que sabem que o CHS é reconhecido pela UNESCO e tombado pelo IPHAN

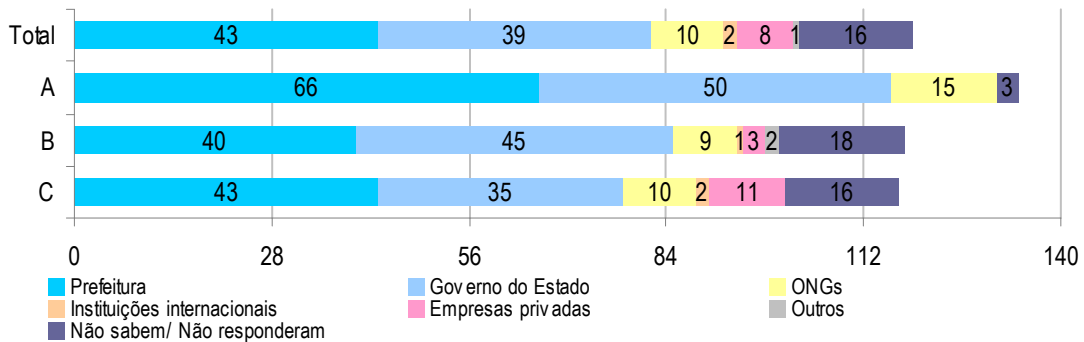


2.2.1.2.11. Opiniões quanto à contribuição de diversas instituições para o funcionamento do Centro Histórico

Questionados sobre a importância da contribuição de diversas instituições para o funcionamento do Centro Histórico os freqüentadores apresentaram as respostas que se encontram dispostas no Gráfico

abaixo, e que evidenciam, pela ordem de importância, a Prefeitura de Salvador (43%), o Governo do Estado (39%) e ONGs (10%) como principais responsáveis pelo funcionamento do CHS.

Gráfico 19
Opinião dos entrevistados quanto às instituições que mais contribuem para o funcionamento do CHS, entre os que frequentam o CHS



2.2.2. Avaliação do Centro Histórico por seus frequentadores

Ao serem estimulados a julgar, através de uma nota no intervalo zero – dez, sua satisfação com diversos aspectos relacionados ao CHS, os entrevistados apresentaram as distribuições de notas que são abaixo apresentadas e comentadas. A adequada interpretação dessas distribuições exige que se estabeleça uma nomenclatura objetiva e explícita para a avaliação dos resultados.

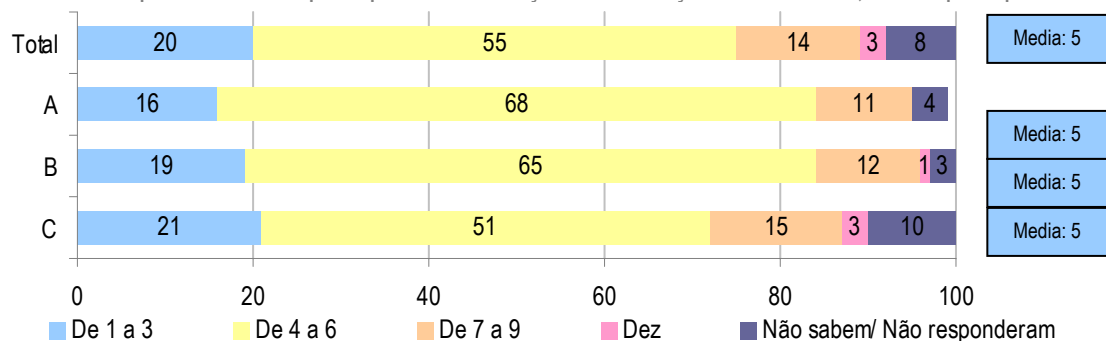
Para fins de análise propomos que sejam considerados não apenas os valores médios das notas atribuídas, mas também a localização da moda em relação à média. Quando média e moda coincidirem em valor, cinco será considerado como valor de referência para aferição de satisfação/insatisfação. Quando as médias forem maiores que cinco, quanto mais elevados forem os seus valores maior o nível de satisfação por elas indicado. Quando as médias tiverem valores menores que 5, quanto menores forem seus valores, maior o nível de insatisfação por elas representado.

Quando a distribuição se mostrar assimétrica à direita (Moda inferior à média e, portanto, maior concentração de notas abaixo da média) as médias com valor igual a cinco serão tomadas como indicativas de um pequeno nível de insatisfação que será denominada de “insatisfação incipiente”. Por outro lado, sempre que a moda for superior a média (e, portanto, maior concentração de notas acima da média) o valor 5 será referido como indicativo de “satisfação incipiente”.

2.2.2.1. Satisfação com as condições gerais do acesso viário, entre os que freqüentam o CHS

De acordo com a regra acima estabelecida, sendo a moda da distribuição abaixo apresentada igual a sua média, e sendo o valor da média igual a cinco, para as três categorias sociais entrevistadas, não se pode afirmar que exista declaração de satisfação ou insatisfação dos freqüentadores do CHS para com as condições gerais de acesso àquele espaço.

Gráfico 20
Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com as condições do acesso viário, entre os que freqüentam o CHS

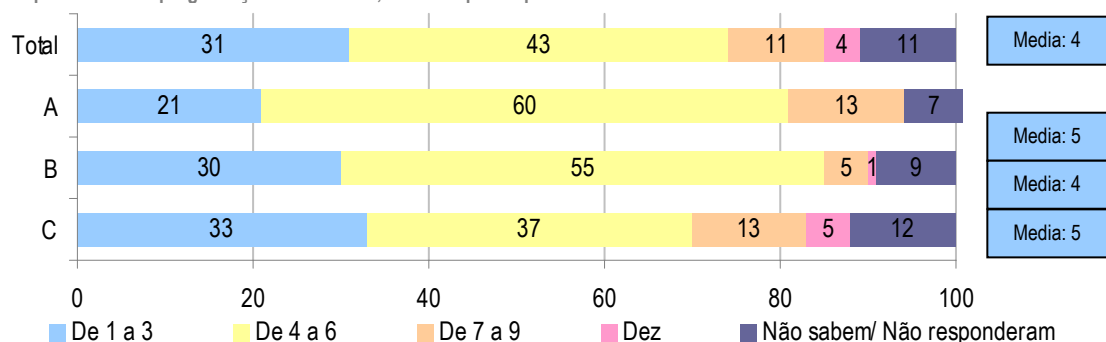


Moda – Total = 5 Moda – Classe A = 5 Moda – Classe B = 5 Moda – Classe C = 5

2.2.2.2. Satisfação com a disponibilidade de transporte público, em horários compatíveis com a programação dos eventos, entre os que freqüentam o CHS

A pesquisa revela que a insatisfação do público com a disponibilidade de transporte público em horários compatíveis com a programação cultural do CHS embora pequena, deve ser considerada como relevante, sobretudo no que diz respeito ao julgamento das pessoas de classe B (média 4).

Gráfico 21
Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a disponibilidade de transporte público, nos horários compatíveis com a programação dos eventos, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5 Moda – Classe A = 5 Moda – Classe B = 5 Moda – Classe C = 5

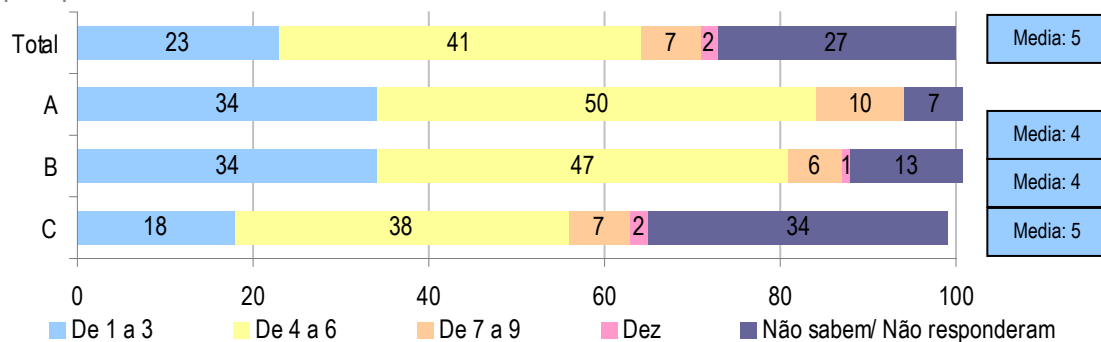
2.2.2.3. Satisfação com a disponibilidade e condições dos estacionamentos, entre os que freqüentam o CHS

Embora a média geral das notas atribuídas a este quesito tenha sido igual a cinco; a rigor deve-se tomar 4 como sendo o parâmetro mais adequado para representar a insatisfação dos freqüentadores do CHS. A justificativa para essa observação decorre do fato do problema aqui analisado não afetar a grande maioria das pessoas de classe C, tendo em vista que elas utilizam transporte público e não são diretamente afetadas por problemas com o estacionamento. Precisamente por esse motivo 34% dos entrevistados da classe C disseram que não sabem ou não responderam a essa questão.

A média computada para os entrevistados das classes A e B, que foi igual a 4, seria, portanto um indicador mais adequado para representar a posição dos freqüentadores em relação ao problema. Pode-se concluir, portanto, que existe considerável insatisfação da comunidade em relação às condições de estacionamento do Centro Histórico.

Gráfico 22

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a disponibilidade e condições dos estacionamentos, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5

Moda – Classe A = 5

Moda – Classe B = 5

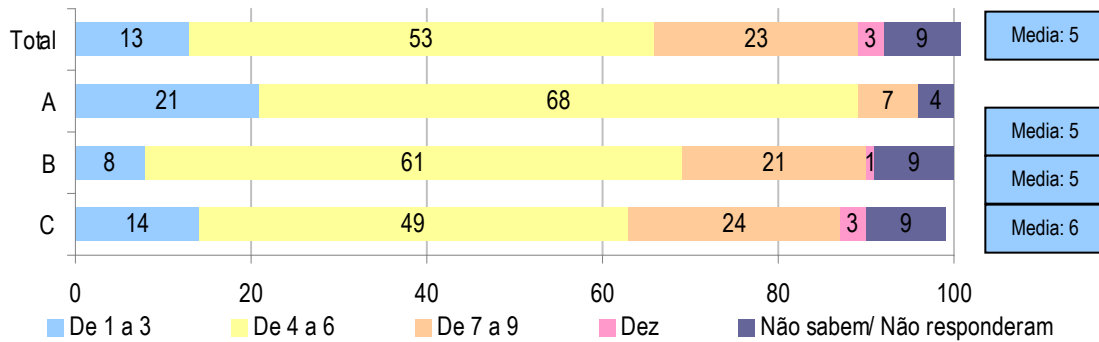
Moda – Classe C = 5

2.2.2.4. Satisfação com as condições da iluminação das ruas, praças e avenidas, entre os que freqüentam o CHS

Nesse caso a média 5 indica que não há evidências de satisfação nem insatisfação da comunidade, como um todo, para com a iluminação pública do CHS, já que a moda da distribuição é rigorosamente igual à média. Nota-se, entretanto, que o problema preocupa um pouco mais os freqüentadores das classes A e B (que lhe atribuem média 5) do que as de classe C (que lhe atribuem média 6).

Gráfico 23

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com as condições da iluminação das ruas, praças e avenidas, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5

Moda – Classe A = 5

Moda – Classe B = 5

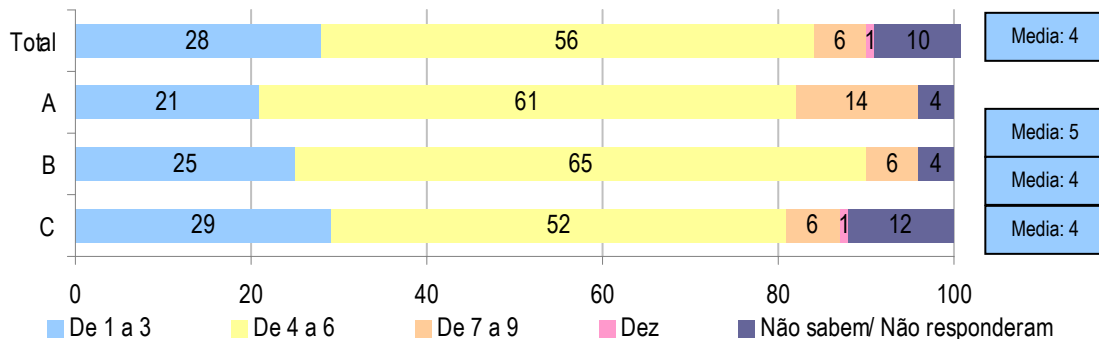
Moda – Classe C = 5

2.2.2.5. Satisfação com as condições da conservação dos prédios públicos e privados existentes na área, entre os que freqüentam o CHS

O nível de conservação dos prédios públicos e privados que compõem o CHS é considerado insatisfatório, principalmente pelos freqüentadores de classes B e C que lhe atribuíram nota média igual a 4.

Gráfico 24

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com as condições da conservação dos prédios públicos e privados existentes na área, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5

Moda – Classe A = 5

Moda – Classe B = 5

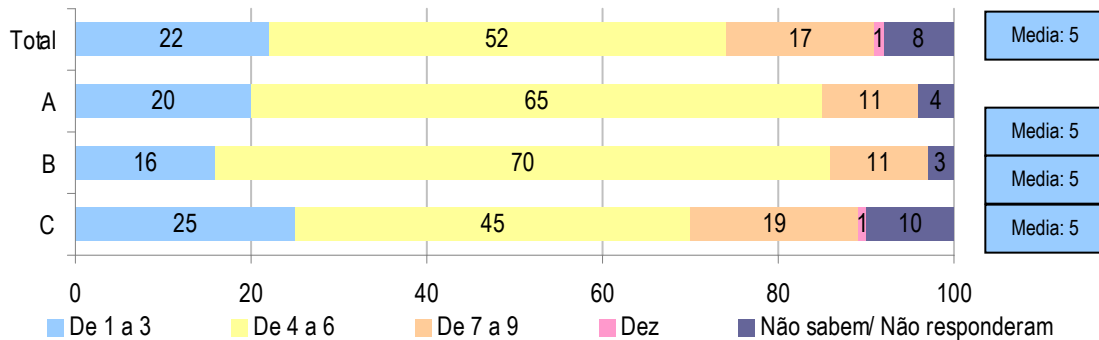
Moda – Classe C = 5

2.2.2.6. Satisfação com as condições de conservação das ruas, praças e avenidas, entre os que freqüentam o CHS

Pelos critérios de análise acima definidos não há evidências de que a população de freqüentadores se sinta satisfeita ou insatisfeita com relação às condições de conservação das ruas, praças e avenidas do CHS, uma vez que tanto a média quanto a moda da distribuição das notas atribuídas a esse quesito foram iguais a cinco.

Gráfico 25

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com as condições de conservação das ruas, praças e avenidas, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5

Moda – Classe A = 5

Moda – Classe B = 5

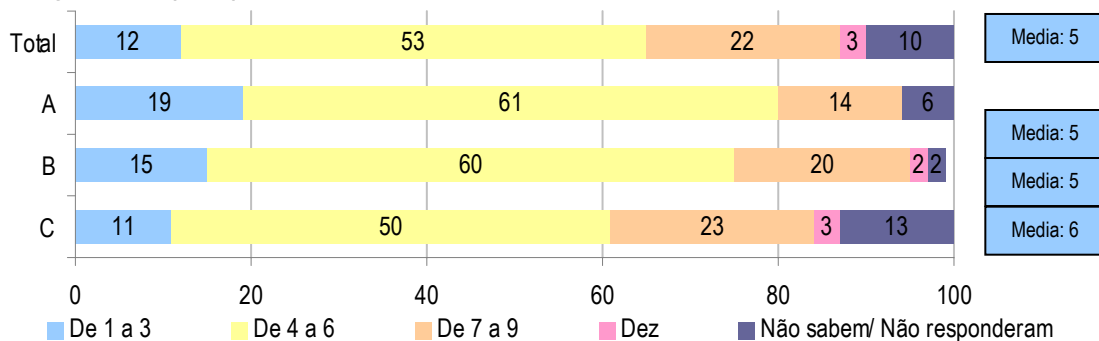
Moda – Classe C = 5

2.2.2.7. Satisfação com o disciplinamento do espaço, em termos de sinalização e orientação, entre os que freqüentam o CHS

A exemplo do que aconteceu com a avaliação das condições da iluminação pública, os freqüentadores, como um todo, não demonstram satisfação nem insatisfação com as condições de disciplinamento, sinalização e orientação do espaço correspondente ao Centro Histórico. Apenas as pessoas de classe C (média 6), de forma isolada, demonstram alguma satisfação em relação a essa questão.

Gráfico 26

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com o disciplinamento do espaço, em termos de sinalização e orientação, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5

Moda – Classe A = 5

Moda – Classe B = 5

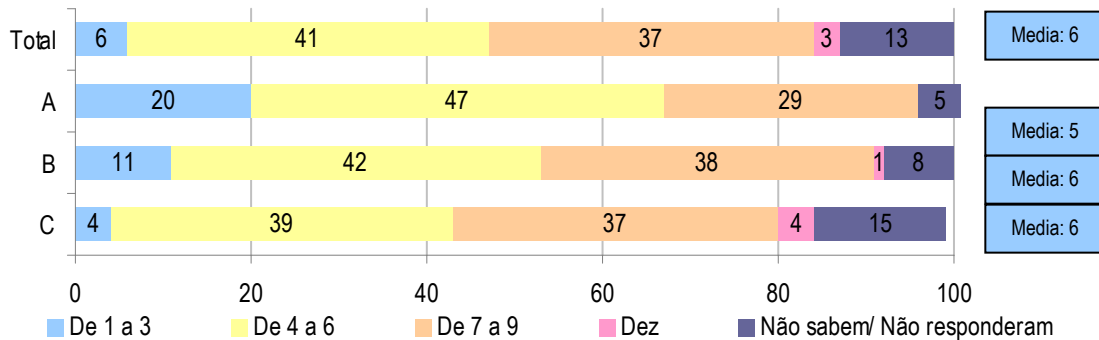
Moda – Classe C = 5

2.2.2.8. Satisfação com os horários de funcionamento das instituições, entre os que freqüentam o CHS

Os números abaixo apresentados sugerem que os freqüentadores do CHS, e de forma particular aqueles pertencentes às classes B e C (média 6), se declaram razoavelmente satisfeitos com os horários de funcionamento das instituições e eventos do Centro Histórico.

Gráfico 27

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com os horários de funcionamento das instituições, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5

Moda – Classe A = 5

Moda – Classe B = 5

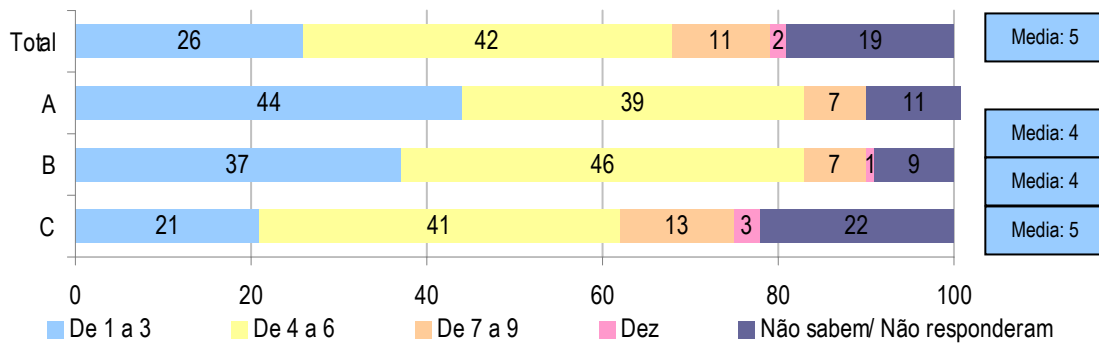
Moda – Classe C = 7

2.2.2.9. Satisfação com a higiene e limpeza, entre os que freqüentam o CHS

Embora sejam consideradas um tanto inadequadas pelos freqüentadores das classes A e B (nota média 4) as condições de higiene e limpeza do CHS, do ponto de vista estatístico, não são suficientemente ruins para evidenciar insatisfação por parte do conjunto dos freqüentadores daquele espaço (nota média 5).

Gráfico 28

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a higiene e limpeza, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5

Moda – Classe A = 3

Moda – Classe B = 5

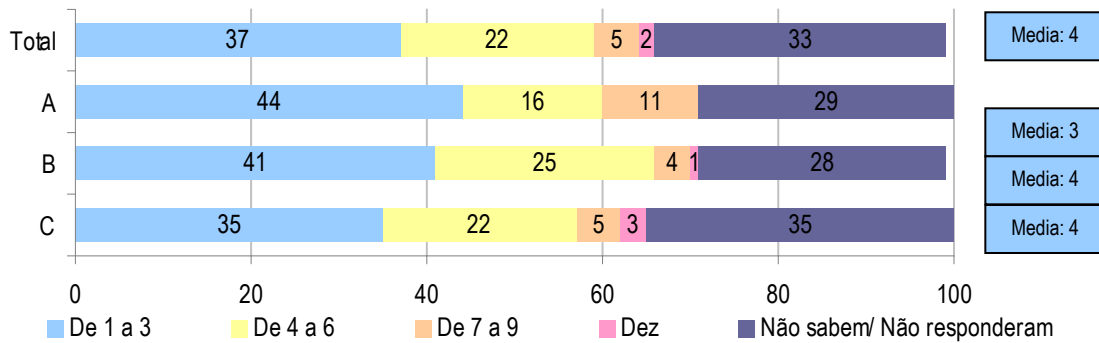
Moda – Classe C = 5

2.2.2.10. Satisfação com a segurança, entre os que freqüentam o CHS

A segurança, que recebeu nota média 4 e nota modal 2 é um aspecto que desagrada, de forma visível, a grande maioria dos freqüentadores do CHS, principalmente os pertencentes à classe A (nota média 3).

Gráfico 29

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a segurança, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 2

Moda – Classe A = 3

Moda – Classe B = 2

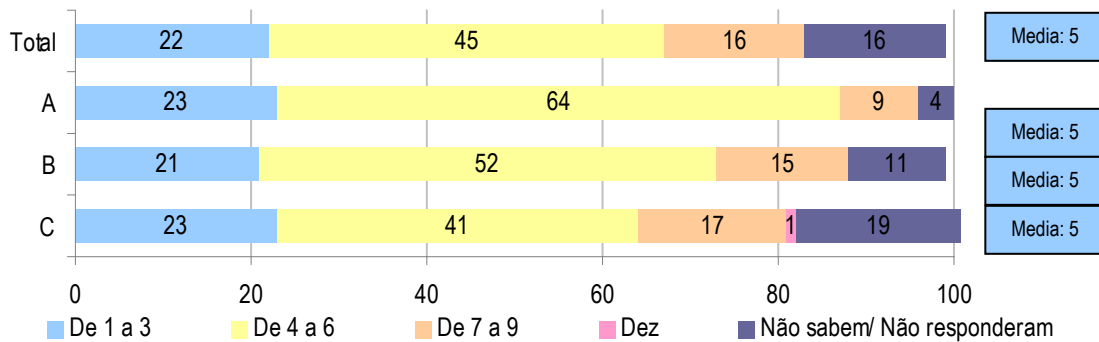
Moda – Classe C = 2

2.2.2.11. Satisfação com a poluição visual/sonora, entre os que freqüentam o CHS

De acordo com os números da pesquisa (nota média 5 e nota modal 5) não há evidências para que se considere a existência de satisfação ou insatisfação dos usuários do CHS, de nenhuma das categorias sociais analisadas, com relação aos níveis de poluição, seja visual ou sonora, daquele espaço cultural.

Gráfico 30

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a poluição visual, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5

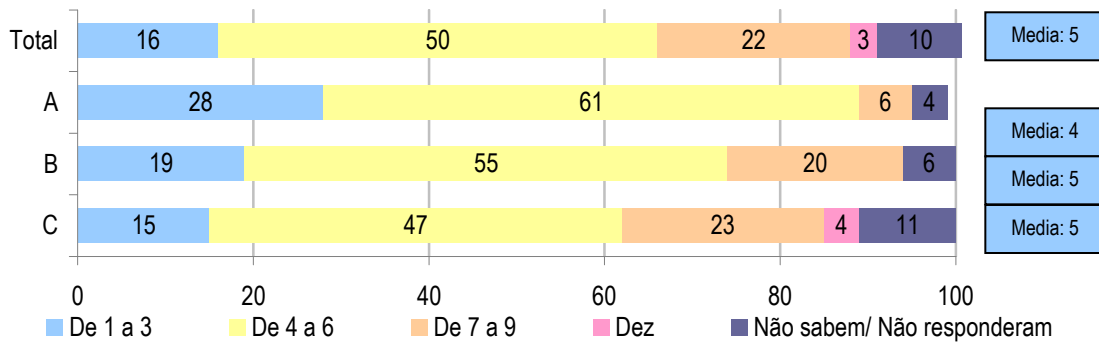
Moda – Classe A = 5

Moda – Classe B = 5

Moda – Classe C = 5

Gráfico 31

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a poluição sonora, entre os que freqüentam o CHS



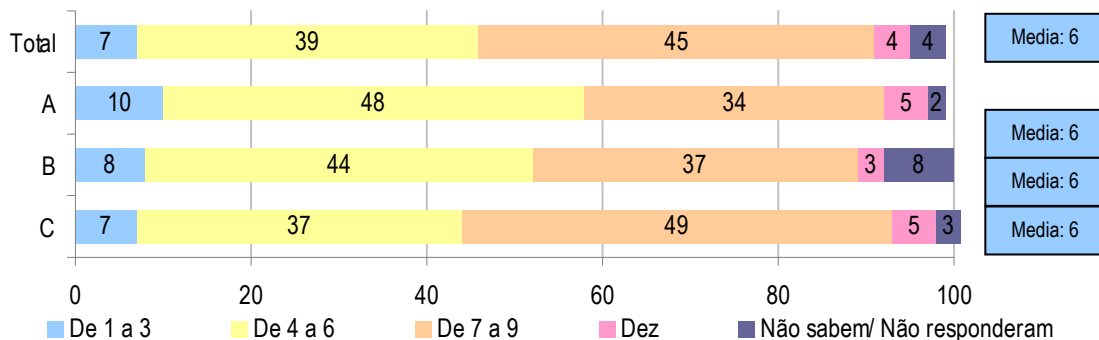
Moda – Total = 5 Moda – Classe A = 5 Moda – Classe B = 5 Moda – Classe C = 5

2.2.2.12. Satisfação com a qualidade da programação cultural, com o estilo de atrações musicais, com o estilo de espetáculos teatrais e com os tipos de exposições artísticas, entre os que freqüentam o CHS

Os números colhidos no campo indicam, outrossim, que os freqüentadores do Centro Histórico, com pequena variação entre as pessoas das três classes sociais, se dizem razoavelmente satisfeitos com a qualidade da programação cultural (nota média 6 e nota modal 7), com o estilo de atrações musicais (nota média 7 e nota modal 8), com o estilo dos espetáculos teatrais (nota média 7 e nota modal 5) e com os tipos de exposições artísticas que são ali apresentados (nota média 7 e nota modal 7).

Gráfico 32

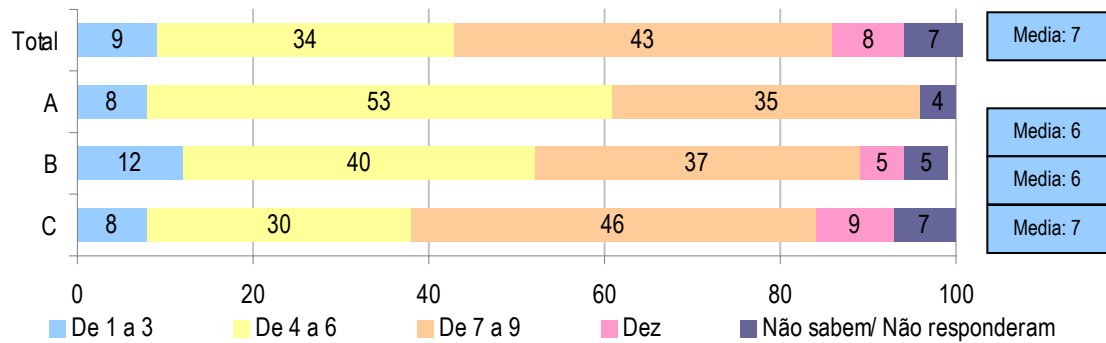
Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a qualidade da programação cultural, entre os que freqüentam o CHS



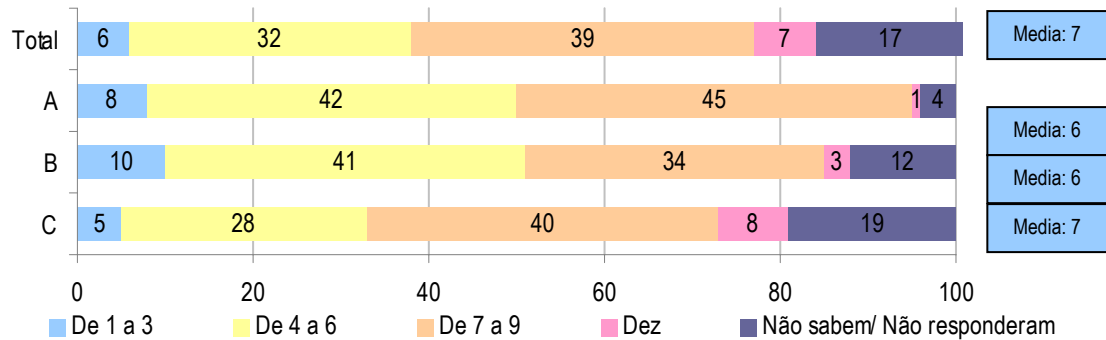
Moda – Total = 7 Moda – Classe A = 5 Moda – Classe B = 5 Moda – Classe C = 7

Gráfico 33

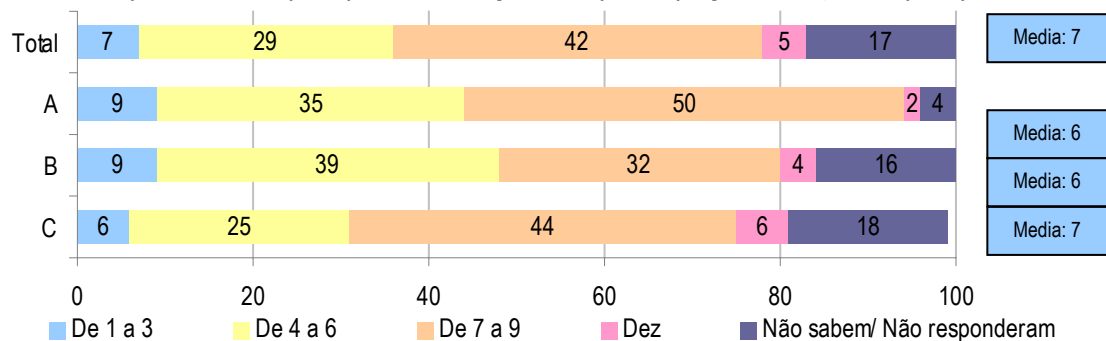
Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com o estilo de atrações musicais, entre os que freqüentam o CHS


Moda – Total = 8 Moda – Classe A = 6 Moda – Classe B = 5 Moda – Classe C = 8
Gráfico 34

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com o estilo de espetáculos teatrais, entre os que freqüentam o CHS


Moda – Total = 5 Moda – Classe A = 5 Moda – Classe B = 5 Moda – Classe C = 5
Gráfico 35

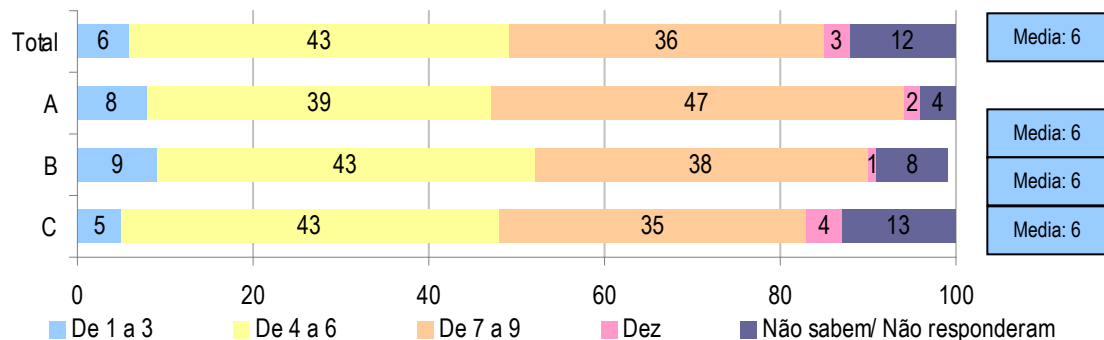
Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com os tipos de exposições artísticas, entre os que freqüentam o CHS


Moda – Total = 7 Moda – Classe A = 7 Moda – Classe B = 5 Moda – Classe C = 7

2.2.2.13. Satisfação com a qualidade dos bares, restaurantes e lojas de artigos típicos, entre os que freqüentam o CHS

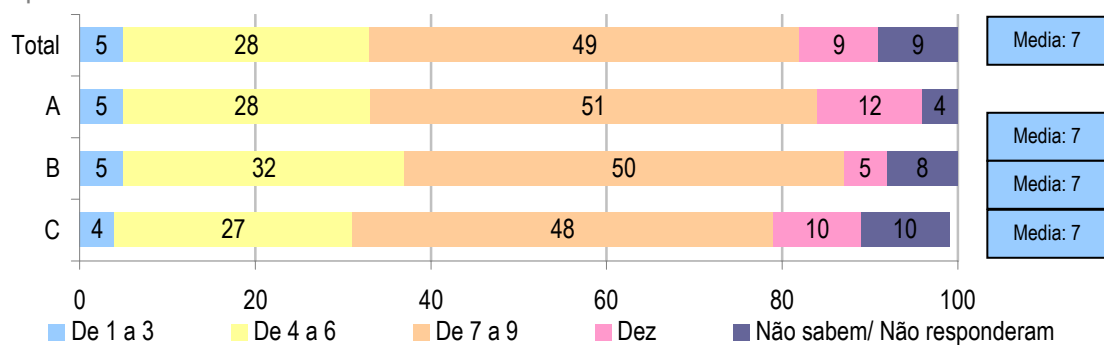
No que diz respeito à qualidade dos bares e restaurantes (nota média 6 e nota modal 5) e das lojas de artigos típicos (nota média 7 e nota modal 8), a pesquisa colheu evidências de que a maioria dos freqüentadores, das 3 categorias avaliadas, se encontra razoavelmente satisfeita.

Gráfico 36
 Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a qualidade dos bares e restaurantes, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5 Moda – Classe A = 7 Moda – Classe B = 6 Moda – Classe C = 5

Gráfico 37
 Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a qualidade das lojas de artigos típicos, entre os que freqüentam o CHS



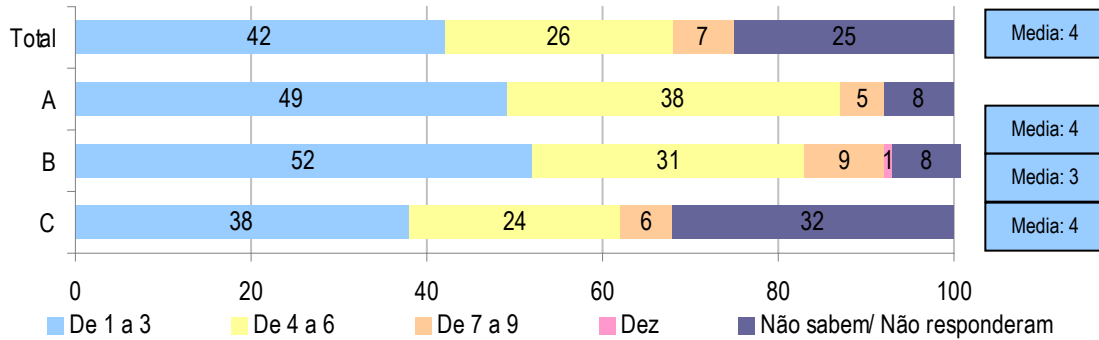
Moda – Total = 8 Moda – Classe A = 8 Moda – Classe B = 8 Moda – Classe C = 8

2.2.2.14. Satisfação com os preços cobrados pelos comerciantes locais, entre os que freqüentam o CHS

Uma outra causa de insatisfação (nota média 4 e nota modal 2) generalizada por parte daqueles que freqüentam o Sítio Histórico são os preços cobrados por comerciantes e artesãos, que foram considerados exorbitantes pela maioria dos entrevistados das 3 categorias sociais.

Gráfico 38

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com os preços cobrados pelos comerciantes locais, entre os que freqüentam o CHS



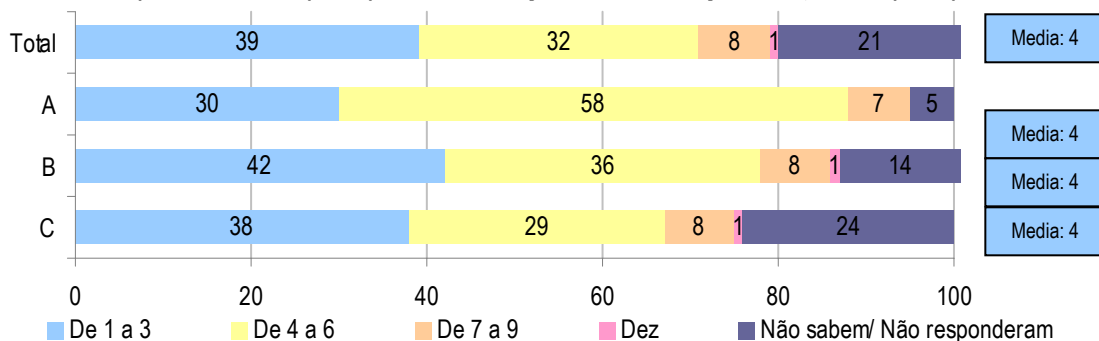
Moda – Total = 2 Moda – Classe A = 3 Moda – Classe B = 2 Moda – Classe C = 1

2.2.2.15. Satisfação com a administração do CHS, entre os que freqüentam o CHS

A administração do CHS foi considerada insatisfatória (nota média 4 e nota modal 5), pelos freqüentadores das três classes sociais incluídas na pesquisa.

Gráfico 39

Notas atribuídas pelos entrevistados para expressar sua satisfação com a administração do CHS, entre os que freqüentam o CHS



Moda – Total = 5 Moda – Classe A = 5 Moda – Classe B = 5 Moda – Classe C = 5

2.2.2.16. Resumo comparativo das avaliações efetuadas pelos freqüentadores do CHS

O Quadro 23, a seguir apresentado, encerra um resumo das avaliações comentadas nos itens anteriores, ranqueadas, de acordo com as notas recebidas pelo conjunto das pessoas entrevistadas.

Os seis primeiros itens avaliados (Preços, segurança, qualidade da administração do CHS, condições de conservação dos prédios, disponibilidade de transporte público e condições de estacionamento) correspondem aos aspectos que foram considerados insatisfatórios.

Sobre os itens de números 7 a 13 (Condições de higiene e limpeza, poluição visual, conservação de ruas e praças, condições do acesso viário, poluição sonora, disciplinamento e sinalização do espaço e condições de iluminação) os soteropolitanos não se consideram satisfeitos nem insatisfeitos.

Os demais itens (Horários de funcionamento, qualidade dos bares e restaurantes, qualidade da programação cultural, estilo das atrações musicais, estilo dos espetáculos teatrais, tipos de exposições artísticas e qualidade das lojas de produtos típicos) foram avaliados de forma positiva e são motivos de satisfação para o público pesquisado.

Tabela 3
Ranking da satisfação dos entrevistados com aspectos relacionados com o CHS, entre os que freqüentam o CHS

Respostas	Total	Classes Sociais		
		A	B	C
1) Preços cobrados pelos comerciantes locais	1º	2º	1º	1º
2) Segurança	2º	1º	2º	3º
3) Qualidade da administração do CHS	3º	4º	3º	2º
4) Condições da conservação dos prédios públicos e privados existentes na área	4º	10º	7º	4º
5) Disponibilidade de transporte público, nos horários compatíveis com a programação dos eventos	5º	9º	6º	5º
6) Disponibilidade e condições dos estacionamentos	6º	5º	5º	7º
7) Higiene e limpeza	7º	3º	4º	10º
8) Poluição visual	8º	7º	9º	6º
9) Condições de conservação das ruas, praças e avenidas	9º	11º	8º	9º
10) Condições do acesso viário	10º	13º	10º	8º
11) Poluição sonora	11º	6º	11º	11º
12) Disciplinamento do espaço, em termos de sinalização e orientação	12º	12º	12º	12º
13) Condições da iluminação das ruas, praças e avenidas	13º	8º	13º	13º
14) Horários de funcionamento das instituições (bibliotecas, museus, igrejas, teatros, etc.)	14º	14º	14º	15º
15) Qualidade dos bares e restaurantes	15º	19º	19º	14º
16) Qualidade da programação cultural	16º	17º	15º	16º
17) Estilo de atrações musicais	17º	16º	17º	18º
18) Estilo de espetáculos teatrais	18º	15º	16º	19º
19) Tipos de exposições artísticas	19º	18º	18º	17º
20) Qualidade das lojas de artigos típicos	20º	20º	20º	20º

2.2.2.17. Comparações entre a situação observada no CHS e a de outros espaços turísticos de Salvador

Além da avaliação através de notas, os freqüentadores do CHS foram estimulados a comparar e avaliar a situação do CHS com a de outros espaços turísticos de Salvador, com relação a uma série de questões apontadas como fontes de insatisfações na pesquisa qualitativa.

Os resultados dessa avaliação comparativa, que se encontram apresentados no Quadro 24 do Anexo A, foram transformados em um índice numérico, para permitir uma comparação ranqueada entre os diversos aspectos analisados. Para tanto se fez uso da seguinte metodologia:

- I) Os conceitos “Muito maior”, “maior”, “igual”, “menor” e “muito menor;” atribuídos pelas pessoas pesquisadas para comparar a situação do CHS com a de outros espaços turísticos, foram substituídos, respectivamente, pelas notas +2, +1, 0, -1 e -2;
- II) As notas atribuídas foram multiplicadas por suas respectivas freqüências relativas;
- III) Os resultados das multiplicações foram então somados, para oferecer os valores do índice correspondentes a cada um dos aspectos avaliados;

Esse Índice assume valores que vão de -200 (Quando todos os entrevistados dizem que o problema observado no CHS é muito menor do que em outros espaços) a +200 (Quando todos os entrevistados dizem que o problema observado no CHS é muito maior do que em outros espaços). Quando todos opinam que existe igualdade entre as situações observadas nos dois espaços ou quando ocorre uma divisão equitativa de opiniões entre as opções positivas e negativas de respostas, o Índice assume o valor zero.

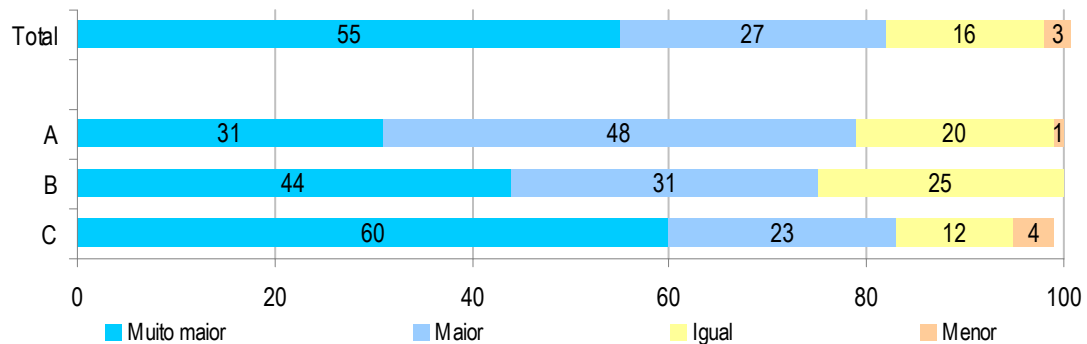
Para melhor explicar o significado dos valores numéricos resultantes desse processo vamos tomar como exemplo a comparação da situação da poluição sonora entre o CHS e outros espaços turísticos de Salvador. Nesse caso 9% dos entrevistados consideraram que a poluição no CH é “muito maior” do que a de outros espaços, 11% consideraram que é “maior”, 49% que é “igual”, 22% que é “menor” e 6% que “muito menor”. Multiplicando as notas correspondentes às opções de respostas pelas respectivas freqüências relativas e efetuando a soma teremos $\{[(-2) * (9)] + [(-1) * (11)] + [(0) * (49)] + [(+1) * (22)] + [(+2) * (6)]\} = -5$. Ou seja, os entrevistados consideram que a poluição sonora no CHS é um pouquinho menor do que aquela observada em outros espaços turísticos da cidade.

Os resultados da simulação realizada com os dados da pesquisa são abaixo apresentados, por ordem decrescente do valor do índice.

a) A concentração de pessoas drogadas é maior no CH do que em outros pontos turístico de Salvador = 134

Gráfico 40

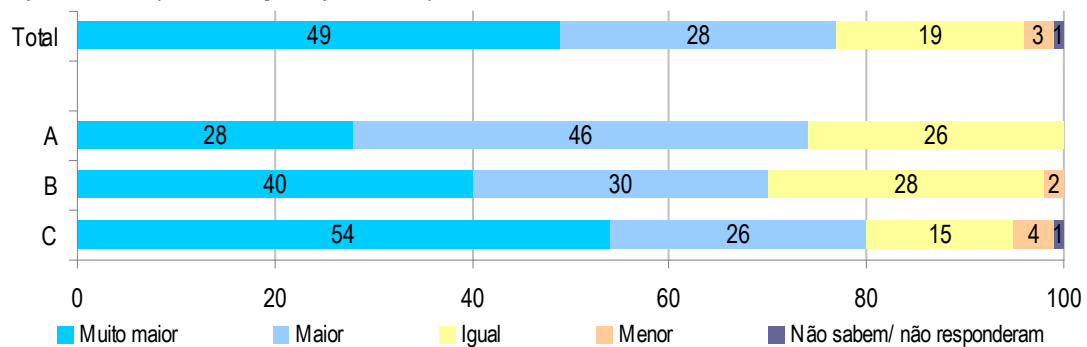
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que frequentam o CHS (A concentração de pessoas drogadas é)



b) A concentração de prostitutas é maior no CH do que em outros pontos turístico de Salvador = 121

Gráfico 41

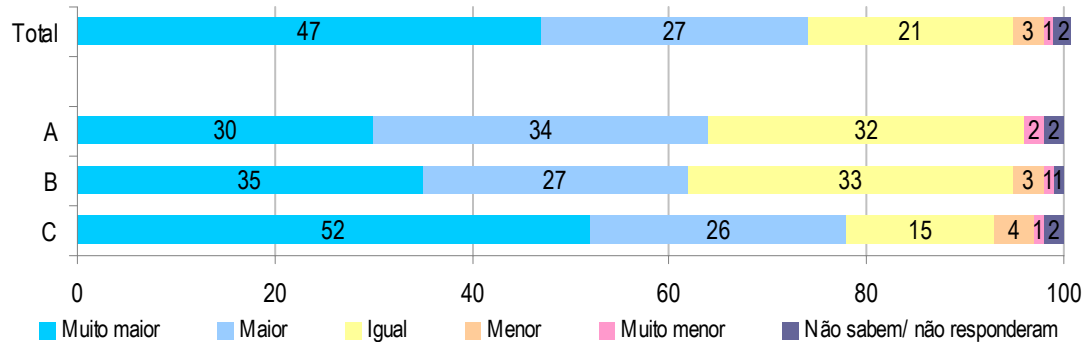
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que frequentam o CHS (A concentração de prostitutas é)



c) Os preços cobrados pelos comerciantes são maiores no CH do que em outros pontos turístico de Salvador = 116

Gráfico 42

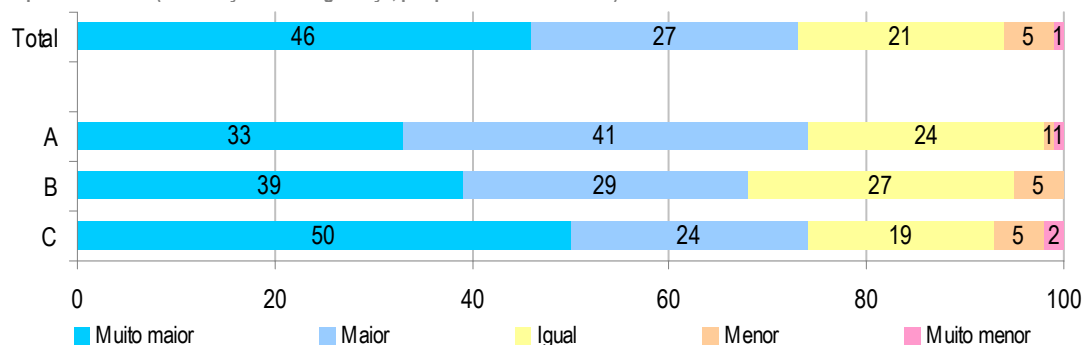
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que freqüentam o CHS (Preços cobrados pelos comerciantes locais)



d) A sensação de insegurança é maior no CH do que em outros pontos turístico de Salvador = 112

Gráfico 43

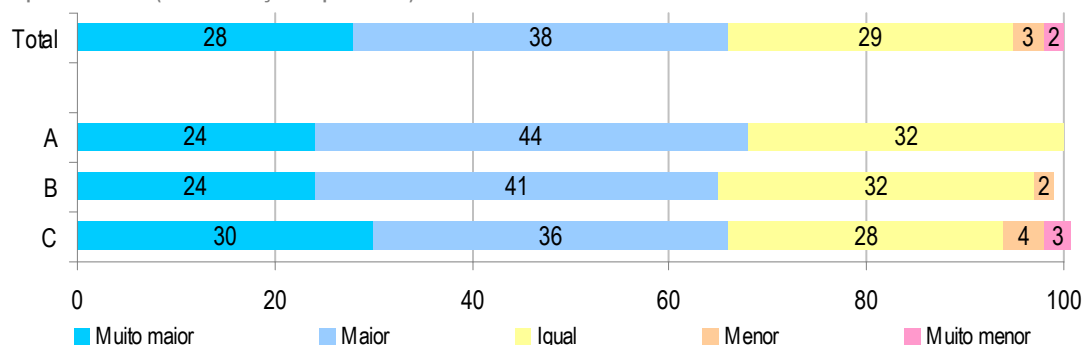
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que freqüentam o CHS (A sensação de insegurança, por parte dos visitantes é)



e) A concentração de pedintes é maior no CH do que em outros pontos turístico de Salvador = 87

Gráfico 44

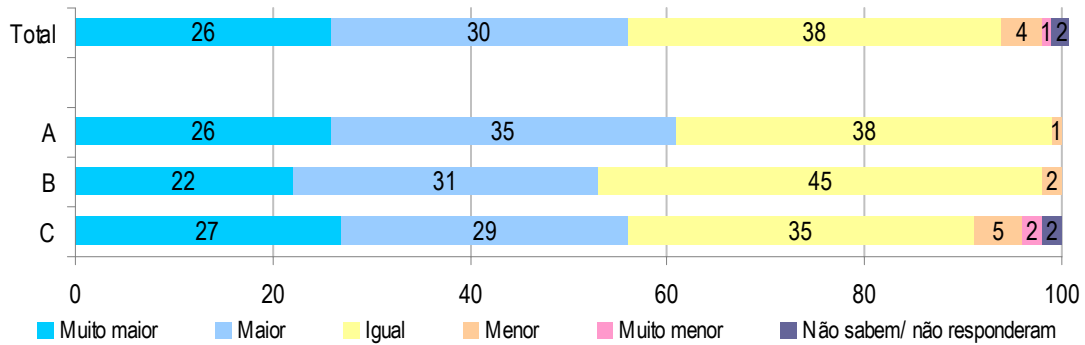
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que freqüentam o CHS (A concentração de pedintes é)



f) O assédio dos vendedores ambulantes é maior no CH do que em outros pontos turístico de Salvador = 76

Gráfico 45

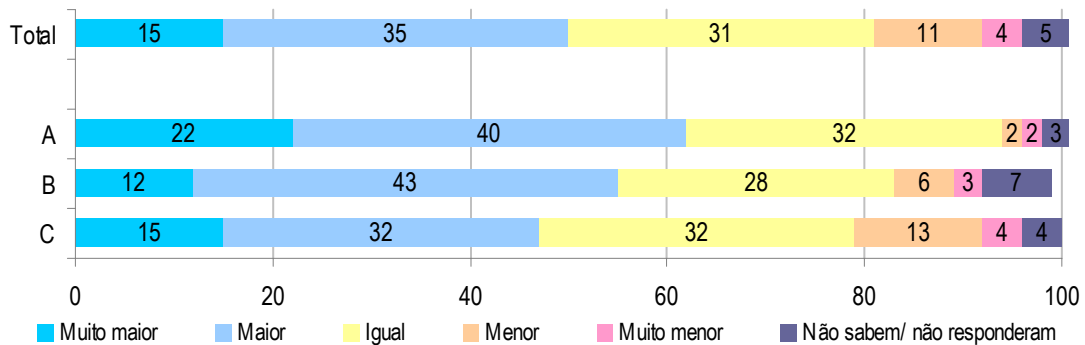
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que freqüentam o CHS (O assédio dos vendedores ambulantes é)



g) A qualidade das lojas de artigos típicos é maior no CH do que em outros pontos turístico de Salvador = 46

Gráfico 46

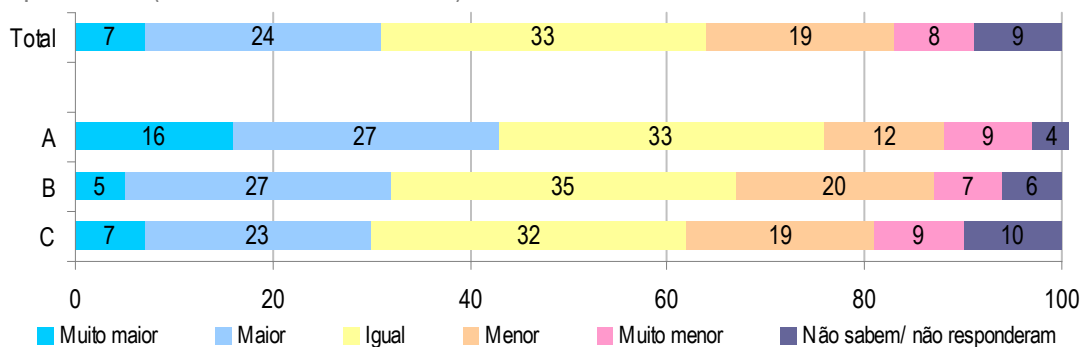
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que freqüentam o CHS (Qualidade das lojas de artigos típicos)



h) A qualidade dos bares e restaurantes é maior no CH do que em outros pontos turístico de Salvador = 3

Gráfico 47

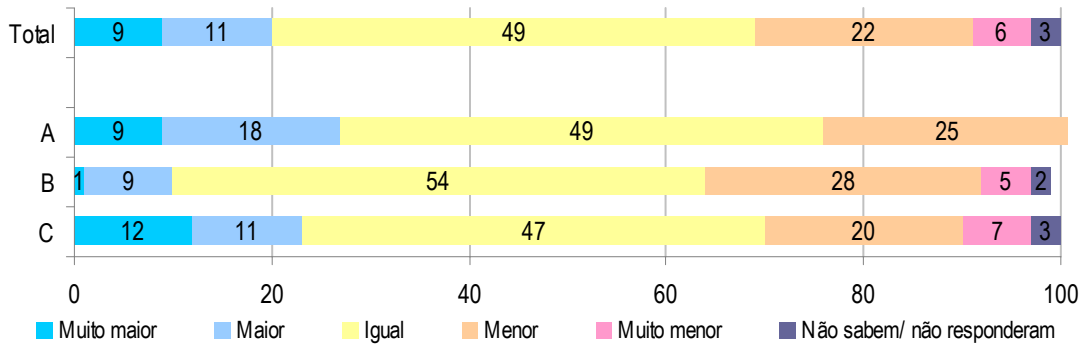
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que freqüentam o CHS (Qualidade dos bares e restaurantes)



i) O nível de poluição sonora é maior no CH do que em outros pontos turístico de Salvador = -5

Gráfico 48

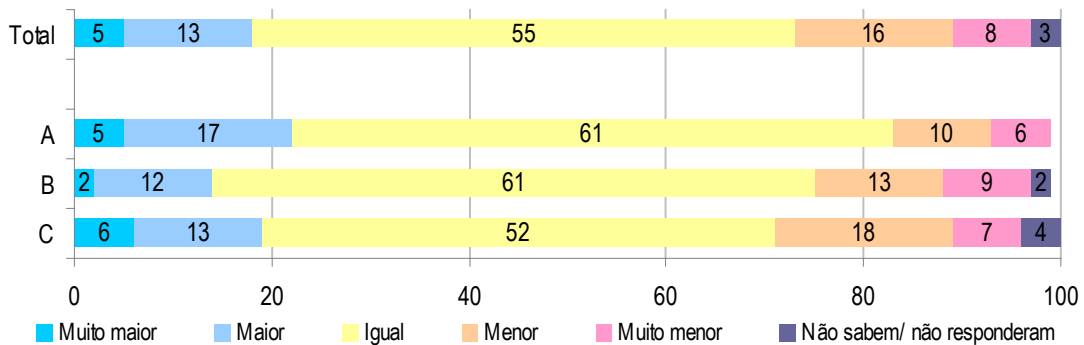
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que frequentam o CHS (O nível de poluição sonora)



j) A situação da iluminação pública é melhor no CHS do que em outros pontos turístico de Salvador = -9

Gráfico 49

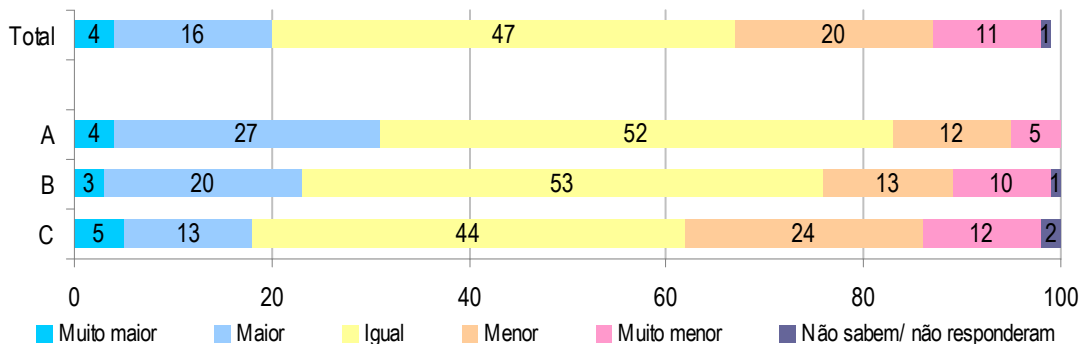
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que frequentam o CHS (A situação da iluminação pública)



k) A situação de limpeza das ruas e praças melhor no CHS do que em outros pontos turístico de Salvador = -18

Gráfico 50

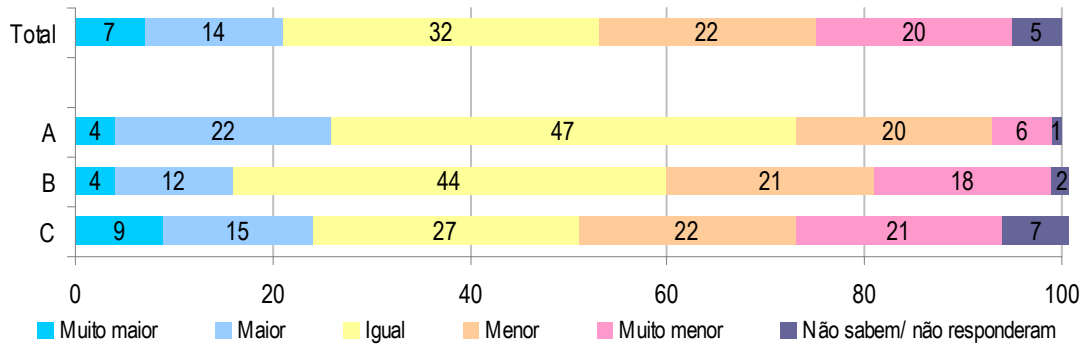
Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que frequentam o CHS (A situação de limpeza das ruas e praças)



I) A atuação do setor público na administração é melhor no CHS do que em outros pontos turístico de Salvador = -34

Gráfico 51

Opinião dos entrevistados quanto à comparação entre as situações do CHS e de outros pontos turísticos da cidade, entre os que frequentam o CHS (A atuação do setor público na administração do espaço tem sido)



2.2.2.18. Opinião dos frequentadores quanto a estrutura que melhor se prestaria para administrar o CHS

Em função da declarada insatisfação para com a atual estrutura de gerenciamento do Centro Histórico, seus frequentadores ofereceram, como alternativas, as sugestões que constam do Quadro a seguir apresentado, onde se destacam: A criação de uma Subprefeitura para cuidar especificamente da administração do CHS (30%); a criação de um núcleo administrativo formado por representantes do governo e da sociedade (18%); a instituição de um Conselho Comunitário (14%); entregar a administração exclusivamente com o Governo do Estado (12%) ou deixar a administração exclusivamente com a Prefeitura de Salvador (10%).

Tabela 4
Opinião dos entrevistados quanto a estrutura que melhor se prestaria para administrar o CHS, entre os que freqüentam o CHS

Respostas	Total	Classes Sociais		
		A	B	C
Criar uma subprefeitura p/ centralizar a adm. do CHS	30	48	27	29
Criar uma instituição mista	18	23	20	17
Criar um conselho comunitário para dirigir as ações do CHS	14	6	15	14
Deixar a administração exclus. com o Governo do Estado	12	4	19	10
Deixar a administração exclus. com a Pref. de Salvador	10	5	6	12
Entregar a administração do CHS a um consórcio privado	7	6	8	7
Manter a atual estrutura administrativa	6	5	2	8
Não responderam	1	3	0	2
Não sabem	1	0	4	0
Gestão entre o o Estado, prefeitura e ONGs	1	0	0	1
Total	100	100	100	100

2.2.2.19. Ações que contribuiriam para aumentar a freqüência de visitantes ao CHS

Consultados sobre as providencias que deveriam ser adotadas para ampliar o número de visitas que fazem ao CHS os atuais freqüentadores daquele espaço apresentaram as sugestões constantes do Quadro abaixo, onde se destacam, por ordem de importância: A melhoria do policiamento (85%); a redução da presença de drogados e prostitutas (60%); a redução do assedio de pedintes e ambulantes (37%); a disponibilização de transporte público em horário compatível com a programação do CHS (31%); a melhoria das condições de higiene e limpeza (22%); a melhoria da divulgação dos eventos (19%); a melhoria das condições físicas e da aparência dos prédios (17%); melhoria da programação cultural (16%) e a melhoria das condições de estacionamento (15%). A grande maioria das dessas demandas têm o mesmo nível de prioridade para as 3 categorias sociais pesquisadas. Há casos, como por exemplo o que se refere à disponibilização de transporte público em horários apropriados, que representam a prioridade mais específica de uma das categorias sociais pesquisadas.

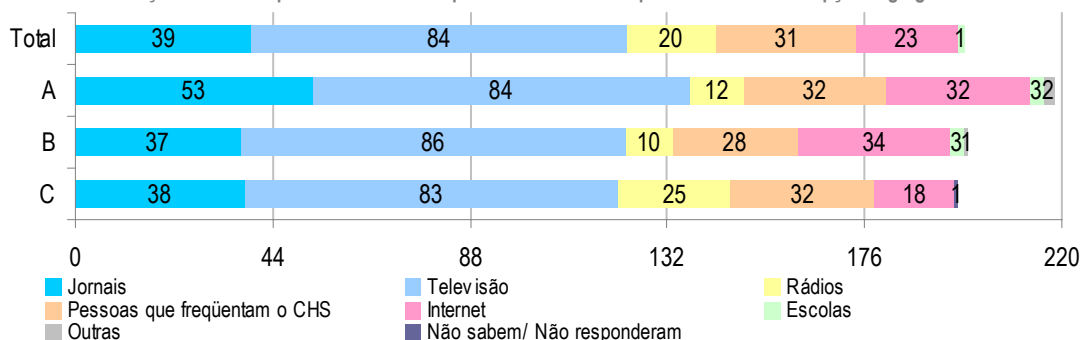
Tabela 5
Opinião dos entrevistados quanto ao que deve ser feito para que ele passe a visitar com maior frequência o CHS - As 5 opções agregadas, entre os que freqüentam o CHS

Respostas	Total	Classes Sociais		
		A	B	C
Melhorar o policiamento	85	95	88	83
Melhorar a iluminação	9	3	6	10
Reduzir a presença de drogados e prostitutas	60	60	53	62
Reduzir o assédio de pedintes e ambulantes	37	46	38	37
Melhorar as condições de higiene e limpeza	22	25	20	22
Ampliar e melhorar as condições de estacionamento	15	26	15	14
Melhorar as condições físicas e a aparênc. dos prédios e mon	17	8	12	19
Melhorar a programação cultural	16	13	21	14
Disponibilizar transporte público em hr compatíveis com a pr	31	4	25	35
Melhorar a divulgação dos eventos	19	12	21	19
Não sabem	2	2	1	3
Não responderam	1	0	2	1

2.2.3. Características e opiniões do público que não freqüenta o CHS

2.2.3.1. Fontes de informações sobre o CHS

As pessoas que não freqüentam o CHS declararam que recebem informações a respeito daquele espaço principalmente através da televisão (84%), dos jornais (39%), de freqüentadores do Centro Histórico (31%), da internet (23%) e de rádios (20%). A comunicação escrita, através dos jornais é um pouco mais freqüente entre as pessoas de classe A (53%), enquanto que a comunicação via rádios é mais comum entre os da classe C (25%).

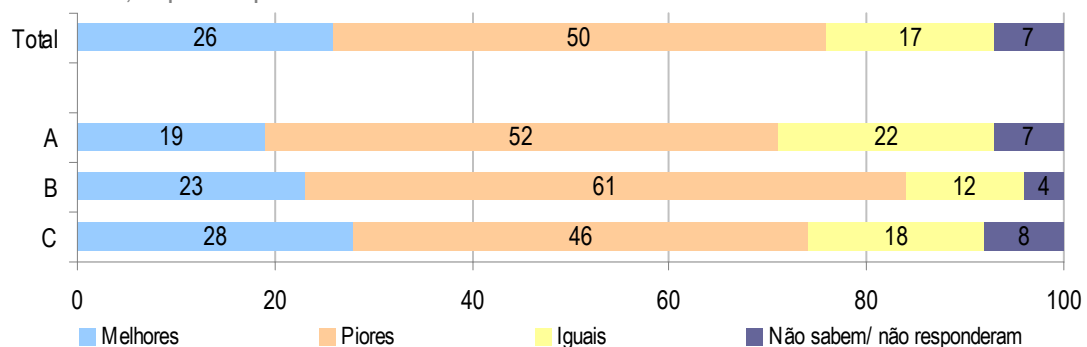
Gráfico 52
Fontes de informações utilizadas pelos entrevistados que não costumam freqüentar o CHS - As 5 opções agregadas


2.2.3.2. Comparação entre as informações recentes e aquelas veiculadas pela imprensa há 4 ou 5 anos

Estimulados a estabelecer comparações entre as notícias recentes sobre o CHS e aquelas veiculadas pela imprensa há 4 ou 5 anos atrás, os entrevistados apresentaram as respostas que constam do Gráfico abaixo. Enquanto 26% dos entrevistados, principalmente os de classe C, consideram que as atuais notícias são melhores do que as do passado; 17% declaram que não existe diferença entre elas e 50%, sobretudo os da classe B, dizem que as notícias de hoje são mais sombrias que as de outrora.

Gráfico 53

Opinião dos entrevistados que não freqüentam o CHS quanto à comparação entre as informações recentes e aquelas veiculadas há 4 ou 5 anos atrás, no que diz respeito ao CHS

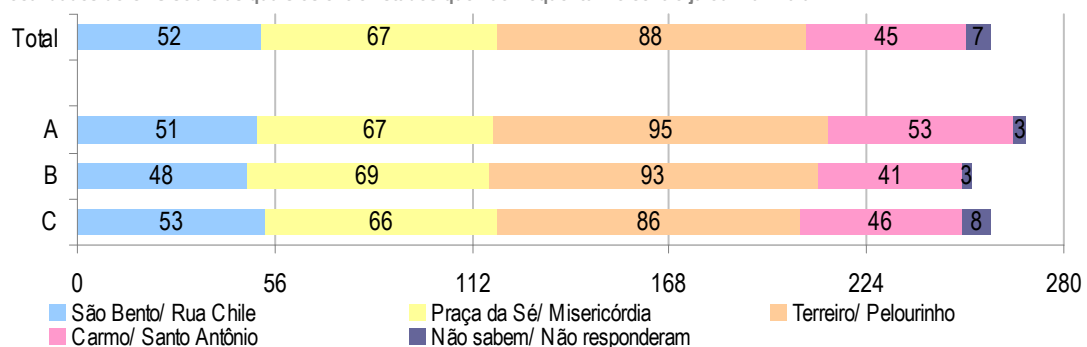


2.2.3.3. Conhecimento sobre os espaços e equipamentos do CH

De acordo com os dados colhidos na pesquisa as pessoas que não costumam freqüentar o Centro Histórico, independentemente da classe social a que pertencem, conhecem relativamente pouco a respeito daquele espaço. Dentre essas pessoas 45% conhece ou ouviu falar do trecho Carmo/Santo Antonio, 52% conhece ou ouviu falar de São Bento/Rua Chile, 67% da Sé/Misericórdia e 88% do Pelourinho.

Gráfico 54

Localidades do CHS sobre as quais os entrevistados que não freqüentam o centro já ouviram falar



De acordo com os números contidos no Quadro 33, dentre os equipamentos públicos e monumentos, a sede do Olodum é conhecida por 68% deles, a Igreja do Carmo por 43%, a Fundação Jorge Amado por 37%, a Ordem Terceira de São Francisco por 33%, os Filhos de Ghandi por 32%, o bar O Cravinho por 28% e a escola de Capoeira e o Forte de Santo Antonio por 20%.

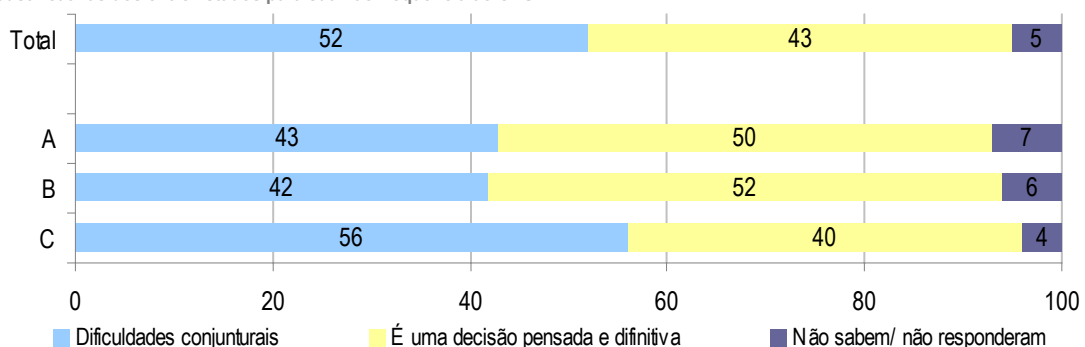
Tabela 6
Equipamentos públicos do CHS sobre os quais os entrevistados que não freqüentam o centro já ouviram falar

Respostas	Total	Classes Sociais		
		A	B	C
Ordem Terceira de São Francisco	33	39	28	34
Fundação Casa Jorge Amado	37	36	27	40
Solar Ferrão	11	7	10	12
Escola de Capoeira	20	11	13	24
Sede do Olodum	68	75	66	69
Bar O Cravinho	28	26	11	34
Restaurante Maria Mata Mouro	7	15	2	8
Restaurante Sorriso da Dadá	14	17	9	16
Igreja do Carmo	43	42	32	47
Forte de Santo Antônio	20	22	12	22
Sede dos Filhos de Ghandi	32	25	19	37
Não conhecem/ Não lembram	4	3	4	4
Outros	5	4	13	3
Não responderam	5	0	5	5

2.2.3.4. Justificativas para a não freqüência ao CHS

Questionados sobre os motivos que justificariam sua não freqüência ao CHS, 52% dos entrevistados, principalmente os da classe C, atribuíram esse fato a dificuldades de natureza conjunturais. Outros 43%, sobretudo das classes A e B, declararam que essa ausência era fruto de decisão pensada, que provavelmente está relacionada com as más notícias que ele vem recebendo a respeito daquele espaço.

Gráfico 55
Justificativas dos entrevistados para sua não freqüência ao CHS



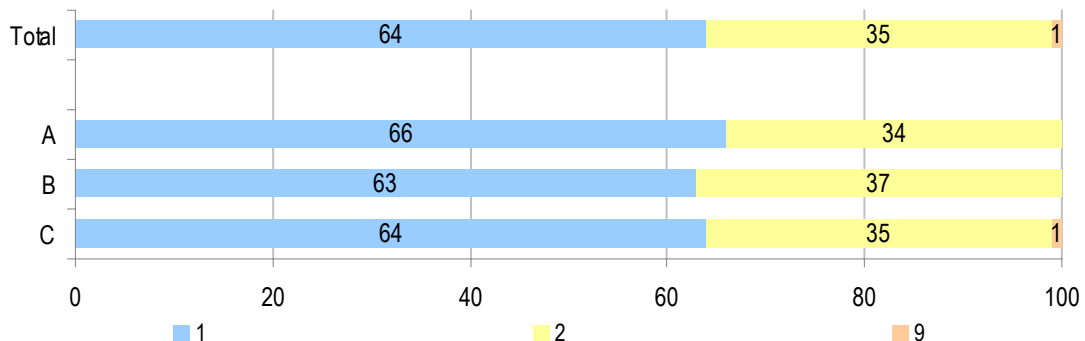
Em termos específicos as causas apontadas para o não comparecimento ao Centro Histórico encontram-se discriminadas no Quadro 31, cabendo destaque para as seguintes: Insegurança (64%); presença de drogas e prostituição (37%); distância da residência para o CH; assédio de pedintes (21%); falta de oportunidade (19%); programação cultural não agrada (14%) e altos preços dos bens e serviços (10%).

A questão da segurança aparece em destaque, como principal causa do distanciamento dos entrevistados de todas as classes sociais. Outras causas, como “falta de oportunidade”, “distância entre a residência e o CHS”, “desagrado com a programação cultural” e “preços praticados no CHS”, por exemplo, suscitam diferenças de posicionamento entre as 3 classes sociais pesquisadas.

2.2.3.5. Posição dos entrevistados em relação a visitantes

Consultados sobre sua posição em relação a amigos e conhecidos em trânsito por Salvador, 64% dos entrevistados, com pequena variação entre as 3 classes sociais pesquisadas, declararam que a despeito de não irem ao Centro Histórico estão sempre dispostos a aconselhar essas pessoas a visitar o Pelourinho. Outros 35% declararam que não aconselhariam a visita.

Gráfico 56
 Disposição dos entrevistados que não freqüentam o CHS, no que diz respeito a aconselhar visitantes a visitar o CHS



Dentre os que aconselhariam a visita 60% indicariam os Centros Culturais/ museus/ Fundações como ponto de visitação, 37% recomendariam o Centro como espaço para compras, 31% indicariam as igrejas e as paisagens e 18% os bares e restaurantes (ver Quadro 35 do Anexo A).

2.2.3.6. Ações que contribuiriam para que a população passasse a freqüentar CHS

Consultados sobre as providencias a serem tomadas para que passassem a freqüenta o CHS os entrevistados que hoje não freqüentam aquele espaço apresentaram as respostas que compõem o Quadro 36.

Analisando aquelas respostas verifica-se que as providências mais solicitadas simultaneamente pelas 3 classes sociais pesquisadas são: A melhoria do policiamento (80%); a redução da presença de drogados e prostitutas (54%); a redução do assédio de pedintes e ambulantes (27%); a melhoria das condições de higiene e limpeza (21%) e melhoria da iluminação (15%).

Outras providências freqüentemente solicitadas, como a disponibilização de transporte público em horários compatíveis com a programação do CHS (21%) e a melhoria das condições físicas e da aparência dos prédios (16%), melhoria das condições de estacionamento (12%) e o aperfeiçoamento do processo de divulgação dos eventos (12%), por exemplo, são particularmente enfatizadas por uma categoria social específica.

Tabela 7

Opinião dos entrevistados que não freqüentam o CHS quanto ao que deve ser feito para que eles passem a visita-lo - As 5 opções agregadas

Respostas	Total	Classes Sociais		
		A	B	C
Melhorar o policiamento	80	84	84	78
Melhorar a iluminação	15	18	15	15
Reduzir a presença de drogados e prostitutas	54	44	46	58
Reduzir o assedio de pedintes e ambulantes	27	34	27	27
Melhorar as condições de higiene e limpeza	21	28	19	21
Ampliar e melhorar as condições de estacionamento	12	18	13	12
Melhorar as condições físicas e a aparênc. dos prédios e mon	16	7	13	18
Melhorar a programação cultural	18	22	22	15
Disponibilizar transporte público em hr compatíveis com a pr	21	3	16	24
Melhorar a divulgação dos eventos	12	5	10	13
Não sabem	7	4	5	9
Não responderam	3	0	4	2

3. Conclusões

3.1. O diagnóstico inicial

O Termo de Referência TRPJ – 003/2009 que serviu de base à licitação da pesquisa ora relatada contém uma breve exposição explicativa para a evolução recente da situação do Centro Histórico de Salvador. Dentre as hipóteses ali relacionadas destacamos algumas que serviram como ponto de partida para a orientação deste trabalho:

- i. Ao longo século XX o Pelourinho foi abandonado pela elite e passou a ser ocupado por pobres, escravos libertos e imigrantes, tornando-se uma área de boemia discriminada pela sociedade;
- ii. A partir do início dos anos 90 uma reforma patrimonial promovida pelo Governo, somada ao destaque midiático então utilizado conseguiu sobrepujar o tradicional preconceito e elevar significativamente o fluxo de visitantes, inclusive soteropolitanos, ao Pelourinho;
- iii. Essa ampliação do fluxo turístico, entretanto, não conseguiu sustentação e já no final dos anos 90 a Secretaria de Cultura e Turismo precisou organizar um programa cultural gratuito para estimular o retorno do fluxo de visitantes ao Centro Histórico;
- iv. A oferta de equipamentos turísticos, que se houvera se expandido com a reforma patrimonial, decaiu a partir do final dos anos 90, restando hoje poucos restaurantes e lojas de qualidade;
- v. Os preços cobrados no comércio do Centro Histórico se tornaram geralmente altos e estão acima do poder aquisitivo médio dos soteropolitanos;
- vi. Os problemas sociais que afetam a população pobre com baixo nível de escolaridade que reside no Pelourinho (excesso de pedintes, meninos drogados, prostituição, etc.) estão contribuindo para afastar a presença de visitantes;
- vii. Problemas relacionados com a limpeza, a iluminação pública, a segurança, a inadequação da programação cultural e ao processo de comunicação da agenda cultural do Pelourinho,

entre outros, seriam fatores que também estariam contribuindo para afastar a população, do Centro Histórico;

- viii. A divulgação sistemática pela mídia de um “suposto” abandono do espaço pelo Governo do Estado estaria reacendendo o preconceito e a mística histórica que afastaram os moradores de Salvador, do Pelourinho;
- ix. Hoje o Centro Histórico ainda consegue atrair o interesse dos turistas, mas não o dos Soteropolitanos. A população que reside em Salvador, sobretudo os jovens de maior poder aquisitivo e escolaridade, principais consumidores dos serviços culturais e de entretenimento não freqüentam o Pelourinho, restringindo suas visitas à função de acompanhante de turistas;

3.2. O diagnóstico oriundo da pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa mostrou-se extremamente útil para enriquecer e ampliar o escopo do diagnóstico institucional já existente. A imagem que os componentes dos grupos pesquisados apresentaram sobre o CHS é bastante próxima da que se encontra acima explicitada e pode ser sinteticamente descrita através das seguintes conclusões:

- i. Independentemente da classe social e dos limites de conhecimento que cada um dos participantes da pesquisa demonstrou em relação ao CHS, pôde-se perceber que há um forte sentimento de identidade cultural de cada deles com o Centro Histórico de Salvador. Essa identidade cultural se manifesta, sobretudo através das declarações de respeito e reverência a história, à estética arquitetônica dos logradouros públicos e monumentos e às manifestações de arte e cultura que caracterizam o Centro Histórico. É absolutamente notório que os soteropolitanos, de uma maneira geral, se referem ao CHS com certa dose de orgulho e deslumbramento, sendo esse, sem dúvida, um importante fator natural de atração exercido pelo Centro Histórico em relação à comunidade soteropolitana;
- ii. Apesar do forte laço cultural acima referido muitos dos entrevistados disseram que evitam o Centro Histórico e fizeram veementes restrições àquele espaço. As críticas por eles formuladas, entretanto, são todas elas direcionadas à forma de ocupação, administração e exploração socioeconômica daquele espaço cultural, preservando integralmente a imagem do Centro Histórico, enquanto referência cultural do povo. Na verdade, em relação aos aspectos relacionados com a ocupação, a administração e a

exploração econômica do CHS, os depoimentos mais favoráveis, que foram poucos, consideram que os problemas apontados pelo grupo de fato existem, mas não seriam exclusivos do Centro Histórico e nem mesmo de Salvador, mas do País como um todo;

- iii. Na percepção das pessoas que participaram da pesquisa a situação do CHS vem realmente piorando ao longo do tempo. Varias das pessoas pesquisadas teceram comentários comparando a atual situação do CHS com aquela por eles vivenciada há algum tempo atrás. Todas essas pessoas, sem exceção, consideraram que a situação atual é pior;
- iv. Em termos mais específicos, na opinião da grande maioria dos entrevistados o problema crucial do Centro Histórico esta relacionado com a insegurança e os fatores a ela relacionados: policiamento, tráfico e consumo de drogas, roubos, assaltos, violência, prostituição, vandalismo e marginalidade. Há, entretanto, na opinião da maioria, muitos outros problemas graves pendentes de solução, sobretudo aqueles relacionados com:
 - a. O acesso, a circulação e o estacionamento de veículos;
 - b. A recuperação da estrutura e da aparência externa de prédios e monumentos históricos;
 - c. A manutenção, limpeza, iluminação e sinalização das ruas, praças, equipamentos e monumentos públicos;
 - d. O assédio de pedintes, camelos e vendedores ambulantes;
 - e. O comportamento dos que fazem o CHS, que privilegia os turistas “de fora” e cobra preços extorsivos pelos bens e serviços que ali são comercializados;
 - f. A falta de uma política de apoio à população carente que ali reside.

As proposições acima itemizadas compõem um diagnóstico abrangente, verossímil e coerente da imagem que o Centro Histórico de Salvador tem, junto ao povo da Cidade. Esse diagnóstico, entretanto, é fruto de opiniões pessoais e carece de representatividade estatística. A função da pesquisa quantitativa foi exatamente a de validar ou negar cada uma das proposições constantes do diagnóstico acima formulado.

3.3. A imagem do Centro Histórico de Salvador para os soteropolitanos

As questões incluídas no questionário que serviu de base à pesquisa quantitativa foram organizadas de forma a cumprir as seguintes funções: i) Estimar, em termos quantitativos, a proporção de Soteropolitanos que freqüentam o CHS; ii) Caracterizar o público que freqüenta o CHS, no que diz respeito a idade, sexo, nível de escolaridade, classe social e outros atributos relevantes; iii) Verificar o que os freqüentadores sabem a respeito do espaço e dos equipamentos públicos do CHS; iv) verificar o que os freqüentadores procuram no CHS; v) Obter uma avaliação objetiva dos freqüentadores em relação às proposições que compõem os dois diagnósticos formulados nas seções anteriores (diagnóstico institucional e diagnóstico popular); vi) Verificar o que os freqüentadores acham que deveria ser feito para ampliar sua freqüência ao CHS; vii) Verificar de que maneiras os não freqüentadores se informam a respeito do CHS; viii) Verificar o que os não freqüentadores sabem a respeito do espaço e dos equipamentos públicos do CHS; ix) Verificar os motivos pelos quais os não freqüentadores se recusam a visitar o CHS; x) Verificar o que os não freqüentadores acham que deveria ser feito para atrair sua presença ao CHS.

A função deste breve capítulo não é repetir o que foi descrito nos anteriores, mas apenas mostrar de que maneira os resultados da pesquisa confirmam, ou não, as proposições contidas nos diagnósticos formulados pelo governo e pelos grupos envolvidos na pesquisa qualitativa.

Pode-se dizer que em termos gerais os resultados da pesquisa ratifiquem amplamente o diagnóstico formulado pelo Governo e pelos participantes da pesquisa qualitativa. Em termos específicos, entretanto, várias das proposições contidas no diagnóstico foram refutadas.

Os itens que se seguem apresentam uma análise circunstanciada de cada um dos aspectos pesquisados.

i) A demanda atual dos soteropolitanos pelo Centro Histórico

Do ponto de vista do diagnóstico a freqüência de soteropolitanos ao CHS, sobretudo dos jovens mais escolarizados e de maior poder aquisitivo é escassa, e suas visitas se limitam à função de acompanhante de turistas. Os resultados da pesquisa contrariam essa afirmação.

De acordo com os números da pesquisa apenas 58% dos soteropolitanos maiores de 18 anos não freqüentam realmente o Centro Histórico de Salvador. Outros 31% freqüentam, embora que de maneira esporádica (no máximo até 3 vezes por ano). Entretanto 5% da população, com pequena variação entre

as 3 classes sociais, declararam que freqüentam o Centro histórico com alguma regularidade (mais de 3 vezes por ano) e 3% disseram que freqüentam aquele espaço pelo menos uma vez por semana.

Os freqüentadores, sobretudo os mais assíduos, apresentam idade entre 16 e 39 anos, com maior concentração de pessoas na faixa etária de 25 a 39 anos. A freqüência de pessoas com idade superior a 55 anos é bem mais rara, e acontece principalmente durante as grandes festas dos feriados.

Em termos absolutos a grande maioria dos freqüentadores mais assíduos (uma ou mais vezes por semana) pertence às classes B e C (2%). São, entretanto, as pessoas da classe A que, em termos em termos proporcionais, mais freqüentam aquele espaço (4%);

ii) A queda da demanda pelo CHS a partir da segunda metade dos anos 90

A partir da reforma patrimonial promovida pelo Governo na primeira metade dos anos 90 o fluxo de visitantes do CHS cresceu significativamente, tendo, entretanto declinado, de forma sistemática, desde o final dos anos 90, até atingir o atual nível, que é considerado pequeno. Está implícito no diagnóstico oficial que o governo tem a expectativa de que o nível de demanda ocorrido após a reforma patrimonial corresponde ao real potencial de atração do CHS e que o declínio se deveu exclusivamente à evolução das condições de ocupação, administração e exploração daquele espaço.

Os números da pesquisa revelam que esse diagnóstico é em grande parte verdadeiro. Mas há um detalhe bastante relevante que deve ser considerado na análise dessa questão. As atividades de lazer que correspondem às preferências dos Soteropolitanos e que podem ser encontradas no CHS, como cinema, teatro, bar, restaurante, etc. encontram-se também disponíveis em muitos outros pontos da cidade, possivelmente mais convenientes e mais próximos da residência e do local de trabalho dos consumidores. Os equipamentos sociais que são exclusivos da pauta de atrações do Centro Histórico (museus, igrejas, antiquários e outros) e que não podem ser encontrados alhures, não constam do rol de preferências do povo da cidade.

É possível, portanto, que o súbito e substancial crescimento da demanda verificado nos anos 90 tenha se devido, pelo menos em parte, à competência da campanha midiática e ao desejo natural dos soteropolitanos de testemunhar a novidade; que são fatores naturalmente fugazes;

iii) Avaliação dos fatores responsáveis pela baixa freqüência dos soteropolitanos ao CHS

O diagnóstico aponta uma série de fatores específicos que estariam contribuindo para afastar os Soteropolitanos do Centro Histórico. De acordo com a pesquisa, de fato, todos os fatores relacionados no diagnóstico precisam e devem ser melhorados. Entretanto, em termos rigorosamente técnicos, a situação, para alguns dos fatores, aos olhos dos Soteropolitanos, não chega a ser tão grave quanto aquela apontada no diagnóstico.

Dentre os 20 fatores que foram postos à avaliação dos soteropolitanos, seis (Segurança, qualidade da administração, preços cobrados no comércio local, condições de conservação dos prédios, disponibilidade de transporte público em horários apropriados e condições de estacionamento) foram considerados realmente insatisfatórios.

Sobre outros 7 fatores (Condições de higiene e limpeza, poluição visual, conservação de ruas e praças, condições do acesso viário, poluição sonora, disciplinamento e sinalização do espaço e condições de iluminação) os soteropolitanos, em termos estatísticos, nem se declararam satisfeitos nem insatisfeitos.

Os demais itens (Horários de funcionamento, qualidade dos bares e restaurantes, qualidade da programação cultural, estilo das atrações musicais, estilo dos espetáculos teatrais, tipos de exposições artísticas e qualidade das lojas de produtos típicos), ao contrário do que consta no diagnóstico, foram avaliados de forma positiva e são motivo de moderada satisfação para o público pesquisado.

Uma avaliação mais detalhada que compara, inclusive, a situação do CHS com a de outros espaços turísticos de Salvador revela que, do ponto de vista dos Soteropolitanos, a questão mais crítica do CHS está relacionada com a insegurança e os fatores a ela associados (concentração de pessoas drogadas, concentração de prostitutas e sensação de insegurança). A gestão do espaço, Os preços cobrados pelos comerciantes, a concentração de pedintes, a limpeza pública de praças e ruas e o assédio de vendedores ambulantes também desagradam bastante os soteropolitanos, que consideram que esses fatores se encontram em situação mais crítica no Centro Histórico do que em outros pontos turísticos da cidade. O nível de poluição sonora e as condições da iluminação pública também mereceram críticas, mas são considerados apenas um pouco piores do que em outros pontos turísticos de Salvador;

- iv) Os problemas que afligem os freqüentadores do Centro Histórico e afastam os soteropolitanos são de responsabilidade do governo mas se devem, em grande medida à população que habita aquela área. É claro que parte dos drogados, prostitutas, ladrões, pedintes e ambulantes que ali atuam vêm de fora, mas certamente parte deles reside naquela área. Qualquer esforço que venha a ser feito para a melhoria das condições daquela área, portanto, deve contemplar**

necessariamente, e de forma nuclear, uma política séria de inclusão social da população pobre que ali reside;

v) A contribuição da mídia para a má imagem do CHS

A pesquisa indica que, no entendimento dos soteropolitanos, sobretudo os da classe B, as noticiadas pela mídia nos últimos tempos têm sido mais sombrias do que aquelas que foram veiculadas há 4 ou 5 anos atrás e isso certamente vem contribuindo para afastá-los do Centro Histórico;

Anexos

Anexo A

Relação de participantes da pesquisa qualitativa

Tabela 1

GRUPO 1: HOMENS E MULHERES DE 18 Á 60 ANOS, CLASSE A, 50% (Visitantes do Centro Histórico de Salvador) e 50% (não-visitantes do Centro Histórico de Salvador)

Nº	PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	BAIRRO	Nº PONTOS	CLASSE SOCIAL
1	ALANA A. ROCHA	F	18	3º GRAU INCOMPLETO	ESTUDANTE	GRAÇAS	35	A
2	FABIANA SAMPAIO	F	30	3º GRAU COMPLETO	ADMINISTRADORA	VITÓRIA	35	A
3	GEISA A. REIS	F	31	TÉCNICO	COMERCIANTE	FAZENDA	38	A
4	ANDREA A. RIBEIRO	F	36	3º GRAU INCOMPLETO	EMPRESÁRIA	ONDINA	35	A
5	RODRIGO S. SANTOS	M	23	3º GRAU INCOMPLETO	REPRESENTANTE	AMARALINA	35	A
6	TEÓFILO C. REYS	M	48	3º GRAU INCOMPLETO	COMERCIANTE	BARRA	36	A
7	MILTON BRANDÃO	M	47	3º GRAU COMPLETO	EMPRESÁRIO	BROTAS	36	A
8	ANTONIO C. MARTINELLI	M	49	PÓS GRADUADO	ADMINISTRADOR	GRAÇAS	35	A
9	MILTON S. M. REIS	M	29	3º COMPLETO	ADMINISTRADOR	SÃO MARCOS	37	A

DATA : 30/06/2009

HORÁRIO: 20h 30min

MEDIADOR: Profº Alfredo

LOCAL: Dataqualy

Tabela 2
GRUPO 1: HOMENS E MULHERES DE 18 Á 60 ANOS, CLASSE B, 100% (Visitantes do Centro Histórico de Salvador)

Nº	PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	BAIRRO	Nº PONTOS	CLASSE SOCIAL
1	SARA S. MOREIRA	F	20	3º GRAU INCOMPLETO	ESTUDANTE	SÃO CAETANO	24	B
2	ANA PAULA SANTOS	F	26	2º GRAU COMPLETO	EMPRESÁRIA	STº INÁCIO	24	B
3	MILENA V. COSTA	F	30	2º GRAU COMPLETO	COMERCIANTE	BARRA	23	B
4	ANA LÚCIA CARVALHO	F	46	3º COMPLETO	PROFESSORA	MORARIA	26	B
5	FABIO SACRAMENTO	M	18	2º INCOMPLETO	ESTUDANTE	FEDERAÇÃO	34	B
6	ALAN D. MOLINARE	M	30	TÉCNICO	COMERCIANTE	AMARALINA	29	B
7	PEDRO P. RODRIGUES	M	38	3º COMPLETO	PROFESSOR	PIRAJÁ	26	B
8	MARCO AURÉLIO L. NASCIMENTO	M	44	TÉCNICO	PROTÉTICO	CENTRO	28	B

DATA : 30/06/2009

HORÁRIO: 19h

MEDIADOR: Profº Alfredo

LOCAL: Dataqualy

Tabela 3
GRUPO 4: HOMENS E MULHERES DE 18 Á 60 ANOS, CLASSE A, 50% (Visitantes do Centro Histórico de Salvador) e 50% (não-visitantes do Centro Histórico de Salvador)

Nº	PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	BAIRRO	Nº PONTOS	CLASSE SOCIAL
1	Adrielle dos S. Melo	F	22	3º Grau Incompleto	Estudante	Jardim Stº Inácio	24	B
2	Lilian R. Santos	F	55	2º Grau Completo	Representante Comercial	Graça	27	B
3	Dinalva J. Rosa	F	34	3º Grau Completo	Consultora Financeira	Macaúba	25	B
4	Silas Diógenes de S. Santos	M	36	3º Grau Incompleto	Técnico de Informática	Cajazeira	30	B
5	Marcos Moises C. Araújo	M	23	3º Grau Incompleto	Aux. Administrativo	Acupe do Brota	24	B
6	Joaci C. de Almeida	M	38	2º Grau Completo	Comerciante	Vitória	25	B
7	Ricardo G. S. Silva	M	22	3º Grau Incompleto	Professor	Cabula	35	B
8	Julio César Brandão	M	54	2º Grau Completo	Comerciante	Brotas	31	B

DATA : 03/07/2009

HORÁRIO: 20h 30 min

MEDIADOR: Alfredo

LOCAL: Dataqualy

Tabela 4
GRUPO 3:HOMENS E MULHERES DE 18 Á 60 ANOS,CLASSE B, 100% (Visitantes do Centro Histórico de Salvador)

Nº	PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	BAIRRO	Nº PONTOS	CLASSE SOCIAL
1	Magda Zélia S. Macedo	F	30	3º Grau Completo	Pedagoga	Barra	26	B
2	Renata G.da Silva	F	25	3º Grau Incompleto	Enfermeira estagiária	Politeama	30	B
3	Narla Denise R. Fernandes	F	21	3º Grau Incompleto	Estudante	Barris	24	B
4	Mª Glória C. Pinto	F	55	3º Grau Completo	Aposentada	Liberdade	24	B
5	Joelma de J. Bisbo	F	35	2º Grau Completo	Aux. De Biblioteca	Ilha Amarela	23	B
6	Clístenes L. Figueredo	M	23	3º Grau Completo	Farmacêutico	Barra	24	B
7	Antonio José S. Costa	M	45	2º Grau Completo	Empresário	Vasco da Gama	34	B
8	Marcos S. Ramos	M	43	3º Grau Incompleto	Representante Comercial	Costa Azul	27	B
9	Sandoval S. de Souza	M	30	3º Grau Completo	Biólogo	Vitória	32	B
10	Alvaro A. Alves	M	22	3º Grau Incompleto	Estudante	Barra	36	B
11	Fagner M. Caldas	M	20	3º Grau Incompleto	Consultor de Vendas	Cabula	24	B

DATA : 03/07/2009
HORÁRIO: 19h
MEDIADOR: Alfredo
LOCAL: Dataqualy

Tabela 5
GRUPO 5: HOMENS E MULHERES DE 18 Á 60 ANOS, CLASSE C, 100% (Visitantes do Centro Histórico de Salvador)

Nº	PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	BAIRRO	Nº PONTOS	CLASSE SOCIAL
1	Selma A. Cardoso	F	43	1º Grau	Merendeira	Liberdade	18	C
2	Magna B. de Carvalho	F	20	2º Grau	Atendente	7 de abril	15	C
3	Zélia O. Silva	F	61	1º Grau	Dona de casa	Calabar	19	C
4	Monique L. Cortizo	F	20	3º Grau incompleto	Secretária	Vitória	22	C
5	Rita de Cássia de Jesus	F	31	2º Grau	Frentista	São Gonçalo	17	C
6	Alberto S. Paixão Filho	M	46	Técnico	Tec. Agrícola	Barra avenida	21	C
7	Renato M. de Jesus	M	26	Técnico	Frentista	Nordeste da amaralina	21	C
8	Dennison G. dos Santos	M	25	2º Grau	Ofice boy	Amaralina	18	C
9	Elindonay F. V. Santos	M	38	2º Grau	Carteiro	Perovaz	22	C
10	Daniel P. de Santana	M	61	Técnico	Aposentado	Mata Escura	20	C
11	Luciano Caiana Carvalho	M	33	2º Grau	Vendedor	Barra	21	C

DATA : 02/07/2009
HORÁRIO: 9 horas
MEDIADOR: Alfredo
LOCAL: Dataqualy

Anexo B
Instrumentos utilizados na pesquisa quantitativa

B1 - Manual de Instruções para Coleta de Dados e Preenchimento dos
Formulários

1. Apresentação

O presente Manual tem a função de instruir os responsáveis pela aplicação dos questionários relativos à Pesquisa sobre Centro Histórico de Salvador.

Trata-se de uma Pesquisa de Opinião sobre o conhecimento e o interesse dos soteropolitanos pelo Centro Histórico de Salvador.

O objetivo da pesquisa é investigar o conhecimento, a imagem e o interesse dos residentes da capital pelo Centro Histórico, identificando os motivos reais que fazem com que eles freqüentem ou não freqüentem esse espaço; o que gostariam de dispor e o que já dispõem; ou ainda, qual o nível de informação e de curiosidade sobre esse espaço. Também é importante avaliar o alcance da informação negativa veiculada pela mídia e a apreensão dos moradores sobre essa região tradicional da cidade.

O documento contém orientações gerais a serem cumpridas pelos componentes da equipe de campo, além de informações específicas sobre o questionário a ser utilizado na pesquisa.

2. Composição da equipe e distribuição de responsabilidades

O trabalho de campo será executado por uma equipe composta por 1 Coordenador, 2 supervisores e 15 pesquisadores. O Coordenador e os Supervisores serão selecionados dentre os técnicos componentes do quadro da Datamétrica. Os pesquisadores serão recrutados em Salvador, com a exigência de que tenham cumprido o segundo grau completo.

O Coordenador será responsável pelo treinamento da equipe, pela distribuição das tarefas, pela orientação dos pesquisadores e supervisores, pelo fiel cumprimento da amostra e pela qualidade final do trabalho. Aos supervisores caberá a tarefa de analisar o conteúdo dos questionários aplicados, em busca de possíveis erros omissões e inconsistências; e voltar aos domicílios pesquisados para verificar se os mesmos são compatíveis com o plano amostral e para checar a validade das respostas colhidas pelos pesquisadores. Os pesquisadores terão por incumbências localizar os setores censitários amostrados, identificar os domicílios a serem pesquisados e colher as informações constantes dos questionários, de acordo com as instruções repassadas no treinamento e constantes deste Manual.

3. Treinamento e pré-teste

A pesquisa será precedida pelo treinamento e qualificação da equipe de campo, que será realizado pelo Coordenador do trabalho. O treinamento será iniciado com a apresentação e discussão do conteúdo do Manual de Campo e do questionário a ser utilizado na pesquisa. Em seguida os pesquisadores, divididos em duplas e orientados pelos supervisores e pelo Coordenador farão uma aplicação simulada do questionário. Finalmente haverá uma reunião plenária para discussão das dúvidas e correção das falhas.

Num segundo momento os pesquisadores se deslocarão ao campo e realizarão um pré-teste, aplicando cada um deles 4 questionários. Os questionários aplicados serão analisados pelos supervisores e pelo coordenador da pesquisa e, em função de seus resultados os pesquisadores serão chamados para correção de falhas e, se for o caso, para desligamento do grupo de pesquisa.

4. Quem serão os entrevistados

A amostra será constituída por 800 domicílios. Esses domicílios estão localizados em 200 setores censitários das classes A, B e C, que serão aleatoriamente sorteados, guardadas as proporções de domicílios das três categorias.

Os entrevistadores receberão mapas dos setores censitários, com o contorno de seus limites geográficos e com os nomes dos logradouros públicos que o compõem. Ao chegar ao setor censitário o pesquisador identificará 4 domicílios, localizados em ruas distintas, para a realização das entrevistas.

Os domicílios escolhidos devem ser bem representativos do setor censitário pesquisado, ou seja, a escolha não deve recair sobre residências que destoem, nem para melhor, nem para pior, do padrão de construção típico daquele setor censitário.

Em cada residência, a pesquisa será respondida pelo chefe da família, seu cônjuge ou por um membro da família por ele indicado.

5. O papel do entrevistador de campo

Cada pesquisador receberá um kit de coleta de dados, composto pelos questionários, manuais, canetas, pranchetas, crachás, cartas de apresentação e mapas dos setores censitários sob sua responsabilidade.

Os entrevistadores deverão se certificar de que conhecem profundamente cada questionário, antes de aplicá-lo. Em caso de dúvida, o pesquisador não tem autonomia para tomar decisões de sua própria cabeça. Todas as dúvidas que porventura tiverem, com relação ao questionário ou a forma de seu preenchimento, deverão ser esclarecidas durante o treinamento, antes de irem a campo; por contato telefônico ou pessoal com os supervisores designados para tal finalidade.

Assim que receberem os kits de coleta de dados, antes de irem ao campo, os entrevistadores deverão conferir cuidadosamente todo o material e, se algum item estiver faltando ou estiver danificado, devem solicitar sua imediata substituição.

O papel do entrevistador na pesquisa é de extrema importância, considerando que a qualidade e a confiabilidade do relatório final do trabalho dependem fundamentalmente da fidedignidade dos dados colhidos junto aos entrevistados. O entrevistador deve ter em mente a relevância do seu trabalho e assumir a postura profissional que dele é esperada para o sucesso da pesquisa.

Essa postura profissional começa com o cuidado que cada um deve ter com sua apresentação pessoal (higiene, vestuário, vocabulário e humor adequados ao ambiente e ao trabalho). O segundo aspecto a ressaltar é o respeito com que o pesquisador deve abordar o entrevistado e realizar a entrevista. É importante que o entrevistador mantenha uma relação amistosa, ao longo de todo o preenchimento do questionário, desde a apresentação inicial até o encerramento da entrevista.

O entrevistador deve desempenhar suas funções com calma e paciência, colocando-se à disposição do entrevistado para o esclarecimento de eventuais dúvidas. Dessa forma, poderão ser obtidos dados fidedignos que realmente contemplem os objetivos da pesquisa.

6. Como se relacionar com os entrevistados

O elemento mais importante do processo de coleta das informações são as pessoas entrevistadas. É muito importante que as valorizemos, para que delas possamos obter a necessária confiança. Para tanto é importante que se transmita a elas a garantia de que as informações por elas prestadas serão mantidas em absoluto sigilo, e que essas informações, juntamente com a de centenas de outros entrevistados, deverão ser utilizadas para melhorar as condições de funcionamento do Centro Histórico, revertendo-se, portanto, em futuro benefício para a cidade e para os próprios entrevistados.

As atitudes do entrevistador frente ao entrevistado deverão ser imparciais, evitando transparecer julgamentos, seja de forma verbalizada ou por meio de expressões faciais (expressões de reprovação, aprovação, repugnância, etc.). Deve-se também evitar ao máximo exprimir opiniões pessoais a respeito do que está sendo questionado, bem como fazer comentário valorativo sobre as respostas.

O bom entrevistador deve escutar o entrevistado com atenção e com intenção de realmente captar o que ele está lhe dizendo. O registro das informações deve ser feito de forma clara e precisa, porque esses elementos são fundamentais para a compreensão da realidade vivenciada pelo entrevistado.

Paciência, discrição e compreensão não deverão faltar, sobretudo em relação às pessoas que têm mais dificuldades para se expressar.

A forma de abordagem das pessoas que serão entrevistadas será decisiva para estabelecer uma relação amigável e firme. A horizontalidade é essencial no relacionamento.

Quando o entrevistado é abordado de forma apropriada e se sente à vontade para responder honestamente às questões que lhe são formuladas, a entrevista logra êxito. É importante assinalar que as informações prestadas pelo entrevistado são absolutamente confidenciais.

7. A coleta de dados

Ao chegar à residência do entrevistado o pesquisador deve se apresentar, de maneira formal e cordial, fazendo uso do crachá de identificação. Em seguida deve explicar cuidadosamente os objetivos da visita e certificar-se de que ele, por livre vontade, concorda em participar da pesquisa. Cumprido esse ritual, o pesquisador passará a colher os dados, apresentando, seqüencialmente as questões constantes do questionário, esclarecendo as dúvidas que surgirem e colhendo as respostas.

Ao final de cada entrevista, antes da liberação do entrevistado, os entrevistadores deverão rever cuidadosamente o questionário, para verificar se coletaram todos os dados necessários e se nenhuma resposta ficou em branco.

Após o término do dia os entrevistadores deverão repassar os questionários preenchidos ao Supervisor de Campo, para conferência e envio dos mesmos a Datamétrica. A remessa deve ser feita, via Sedex, de acordo com instruções específicas a serem definidas pela empresa. É expressamente vedada a cópia ou circulação de qualquer informação ou material do estudo, sob nenhuma hipótese ou pretexto.

8. Como preencher os questionários

O questionário utilizado na pesquisa é relativamente curto e simples, mas exige muita atenção. Recomenda-se que o pesquisador não se limite a repetir mecanicamente as perguntas, da forma como ela se encontra escrita. Procure detalhar o significado do que esta sendo perguntado.

O preenchimento dos questionários deve ser feito de forma legível, sem borrões ou rasuras, de modo a serem facilmente compreendidos por qualquer pessoa que os leia. Em caso de equívoco no registro da informação, risque a mesma com dois traços verticais e registre a informação correta ao lado.

Leia atentamente cada questão. Quando houver orientações, certifique-se de lê-las e de segui-las corretamente. Espere o entrevistado fornecer a resposta e assinale-a entre as opções existentes, logo após serem dadas. Não faça outra pergunta antes de assinalar a resposta.

NÃO DEIXE EM BRANCO NENHUMA QUESTÃO QUE DEVA SER RESPONDIDA. Quando o entrevistado não souber ou não quiser responder determinada pergunta, não esqueça de assinalar a opção de resposta NS/NR, para mostrar que a questão foi efetivamente perguntada.

9. Informações sobre o questionário

O questionário é constituído por 34 questões. As questões de 01 a 17 devem ser respondidas por todos os entrevistados. O bloco de 01 a 13 se destina a identificar a pessoa entrevistada, enquanto que as questões 14 a 17 são introdutórias ao tema pesquisado. As questões 18 a 26 se destinam a pessoas que visitam, pelo menos esporadicamente, o Centro Histórico de Salvador, enquanto que as demais questões (27 a 34) serão respondidas exclusivamente por pessoas que Não freqüentam o Centro Histórico.

O questionário é relativamente simples de ser aplicado, desde que o pesquisador esteja atento para suas peculiaridades. No geral as perguntas são objetivas, diretas e auto-explicativas. Basta ler com atenção seus enunciados e recomendações, e cumpri-las à risca.

Nos itens que se seguem são apresentados comentários específicos, apenas sobre as questões que apresentam peculiaridades. Durante o treinamento o instrutor deverá se assegurar de que todos os pesquisadores tenham a mesma compreensão a respeito dos enunciados e das opções de respostas de todas as questões constantes do questionário, independentemente do seu nível de complexidade.

- Quando se tratar de perguntas de respostas espontâneas o pesquisador deve ouvir atentamente a resposta e fazer perguntas complementares ao entrevistado, até se certificar de que chegou a interpretação correta do que lhe foi dito. Só então o pesquisador passará a enquadrar adequadamente a resposta a uma das alternativas disponíveis.
- A questão 14 “Quais são suas atividades de lazer preferidas?” é espontânea, apresenta 11 alternativas codificadas de respostas e outras 3 alternativas a serem livremente citadas pelo entrevistado. À medida que o entrevistado for respondendo, o pesquisador irá assinalando (↓) no questionário os códigos correspondentes. Só após assinalar todas as opções de lazer o pesquisador perguntará sobre a ordem de preferência de cada opção assinalada (da mais preferida para a menos preferida) e anotará, nos espaços indicados da coluna à esquerda.
- A questão 17 “Com que frequência o(a) sr(a) vai ao CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR ?” é de fundamental importância para a continuação da pesquisa. Ir ao CHS não significa “passar – em trânsito – pelo CHS”, significa “ir especificamente ao CHS – seja qual for o objetivo da visita”. As alternativas de respostas contemplam pessoas que não frequentam o CHS - código 1 (As que nunca foram ao CHS ou que foram algumas vezes no passado, mas que há algum tempo já não vão) e para pessoas que frequentam o CHS: De maneira eventual – 1 a 3 vezes por ano (código 2); apenas nos feriados (código 3); com regularidade – 4 ou mais vezes por ano (código 4); Em média 1 vez por semana (código 5) e mais de uma vez por semana – pessoas que moram, trabalham, estudam, praticam esportes ou gostam muito do CHS (código 6).
- A questão 18 “Por que motivos o sr(a) vai pouco ao CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR?” se aplica apenas aos frequentadores eventuais do CHS (código 2 da questão 17).
- As questões 20 “Que espaços do CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR o sr (a) frequenta?” e 21 “Com que propósitos o sr (a) vai a/ao (LER ESPAÇOS CITADO)?” são correlatas e complementares. A primeira (20) é estimulada e a segunda espontânea. Ambas admitem mais de uma opção de respostas. A pergunta 21 só deve ser feita em relação aos espaços frequentados pelo entrevistado. Se o entrevistado não frequenta, por exemplo, o espaço correspondente a Misericórdia/Praça da Sé, não faz sentido perguntar-lhe sobre o propósito da frequência (fazer-lhe a pergunta 21).
- A questão 23 “Comparando a situação do CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR com a situação observada em outros pontos turísticos de Salvador o Sr (a) diria que no CHS?” exige que o pesquisador deixe bem claro para o entrevistado que as opções de respostas se referem à comparação [CHS > outros

espaços turísticos] e nunca o contrário [Outros espaços turísticos > CHS]. Ou seja, o entrevistador estará perguntando, por exemplo: “Na opinião do Sr(a) o nível de poluição sonora do CHS é muito maior, maior, igual, menor ou muito menor do que o de outros espaços turísticos de Salvador” e nunca “Na opinião do Sr(a) o nível de poluição sonora de outros pontos turísticos de Salvador é muito maior, maior, igual, menor ou muito menor do que o do CHS”.

Anexo C

Metodologia do Critério Brasil